Micronacionalismo
Lato Sensu

Bruno Cava

FTS
FUNDAÇÃO
TEOBALDO SALES

Bruno Cava

Micronacionalismo Lato Sensu

Cava, Bruno, 1979-
Micronacionalismo Lato Sensu / Bruno Cava - Reunião: Fundação Teobaldo Sales: 2006

Editado por Carlos Goldstein

1. Micronacionalismo. 2. Micropatriologia. 3. Micronações. 4. Lusofonia. 5. Anglofonia.

Sumário

FUNDAÇÃO
TEOBALDO SALES

PREFÁCIO

Bruno Cava, micronacionalista brasileiro nascido em Santos, São Paulo, é certamente uma das autoridades acadêmicas quando se trata do estudo do micronacionalismo – da micropatriologia. Nos círculos de estudos micropatriológicos, citá-lo singifica dar consistência e credibilidade aos estudos. Isto, pois além de se postar com grandes experiências práticas no mundo micronacional, Cava se dedicou – como ninguém na Lusofonia – ao esforço de teorização do mundo micronacional, de fazê-lo a este último enxergado por meio das lentes da ciência, fugindo assim do empirismo puro equivocado e dos mitos axiomáticos com que convivemos no mundico.

Nas linhas deste livro, far-se-á um bom apanhado da realidade micronacional. Passando pelos prismas da filosofia da ciência e do positivismo científico, Cava tenta buscar a compreensão do mundo micronacional utilizando-se principalmente de conceitos filosóficos, políticos e sociológicos. Tudo isso, de forma extremamente didática, com os devidos exemplos necessários à validação da teoria – submetendo as inferências ao duplo teste da razão: buscando ver a consistência interna da teoria e a coerência com os fatos da realidade.

Esse fato é característico por serem os textos abaixo, a compilação das aulas proferidas pelo então Prof. Bruno Cava no Curso de Micronacionalismo Lato Sensu para Universidade Comunitária Micronacional. Sendo aulas, o novato que a pouco tem vivência no micronacionalismo terá contato, já nos capítulos iniciais, com o arcabouço técnico necessário à compreensão da realidade micronacional – preparando-o assim para uma abordagem crítica-analítica da realidade. Isso não significa que o micronacionalista experiente não terá proveito deste curso. O experiente, além de tomar contato com visões desmistificadas de alguns conceitos micronacionais, poderá ter conhecimento de modelos micronacionais completamente distintos de nossa realidade lusófona, como o Setor Apollo ou o Quinto Mundo.

Ademais, aquele que deseja aprofundar ainda mais seus conhecimentos, poderá consultar a bibliografia indicada durante curso, se empenhando em buscar os textos originais, se habilitando assim mesmo a contestar as visões colocadas pelo autor desta obra. Este – como de qualquer curso acadêmico de qualidade –, não se resume de forma alguma a uma transmissão ou transfusão de conhecimento do autor ao leitor. Ao contrário, ele se move no sentido da construção pessoal do conhecimento, aproveitando as visões e as informações passadas para, em uma reflexão crítica da realidade, cada um poder formar sua própria concepção e, por conseguinte, se colocar pronto a dar suas próprias contribuições à micropatriologia.

Não existem dúvidas que esta obra poderá ser, dependendo da dedicação e do esforço pessoal do leitor, de grande contribuição. Por fugir do estudo tradicionalista da micropatriologia, poderá servir como uma referência para o futuro aprofundamento das novas idéias e realidades cá apresentadas.

Carlos Goldstein.
Brasília, 13 de Novembro de 2006.

APRESENTAÇÃO

Tenho o prazer de iniciar o curso "Micronacionalismo Lato Sensu", oferecido pela Universidade Comunitária Micronacional e dirigido a todos aqueles com interesse de expandir seus horizontes micronacionais. Sou Bruno Cava, brasileiro e pasárgado, 25 anos, moro no Rio de Janeiro e ingressei na prática micronacional no final do primeiro semestre de 2000. Fui reunião até março de 2001, quando ajudei a fundar Pasárgada, micronação a que pertenço até o momento e que pretendo permanecer, estando intensa e ininterruptamente ativo nesses últimos 4 anos e 6 meses. Já fiz de tudo um pouco no contexto micronacional, mas é a primeira experiência como professor. Portanto, peço um pouco de paciência.

Conto, na qualidade de auxiliar, com o pasárgado-hispanófono Mauricio Villacrez, que vem desenvolvendo teses formidáveis na filosofia micronacional e vai nos ajudar durante o curso, inclusive quando der uma palestra sobre a Medna (mais adiante entenderemos).

Antes de iniciar o curso propriamente dito, farei considerações iniciais para explicar a vocês o que esperar do curso, qual sua dinâmica, avaliação, regras etc. Não deixem de ler até o final.

A IDÉIA DO CURSO. OBJETIVOS.

Na verdade, eu já tinha a idéia de fazer um curso universalizante há bastante tempo e a UniCM permitiu que eu a viabilizasse. Na experiência micronacional, venho notando como a Lusofonia está cada vez mais fechada sobre si mesma, trocando inúmeras mensagens entre si, mas conhecendo muito pouco - quase nada, de fato - do "*mundo exterior*". Isso se reflete, também, nas universidades micronacionais.

Percebam que as instituições educacionais fornecem uma porção de cursos técnicos ou de especialização, porém, poucos voltados ao micronacionalismo como objeto principal de estudo. Hoje, não há, na Lusofonia, curso que vise dar uma cultura genuinamente micronacional, sistematizada e de caráter geral, ao micronacionalista. Não falo daqueles cursinhos de iniciação ao novato, em vários módulos, que são muitíssimo pertinentes, mas não exatamente o que quero dizer com *universalizante*. Mas o que quero dizer? Universalizar no sentido de tomar o próprio micronacionalismo como objeto essencial de estudo, e tentar explorar o fenômeno micronacional pelo máximo de ângulos, de pontos de vista possíveis, numa viagem desbravadora.

É o objetivo principal do Micronacionalismo Lato Sensu, cujo nome é auto-explicativo: oferecer *conhecimento horizontal* sobre o mundo micronacional como um todo. Isto é, não se trata de um curso de história, política, economia, filosofia ou "*geografia*" micronacionais, não se busca aprofundar, verticalizar a abordagem, mas abordar de maneira panorâmica as manifestações conhecidas do mundo micronacional.

No curso, veremos a dimensão caótica e sem fronteiras que o micronacionalismo assumiu, em fórmulas que, algumas vezes, fogem muito da "*normalidade*" lusófona. É uma viagem de deslumbramento, mas também de desencantamento: derrubar mitos e tomar contato com concepções micronacionais como Sealand, Atlantium ou Corvinia, ou com o passado distante das fonias, perante os quais nutrimos vagas impressões, mas nunca nos aproximamos de verdade.

Espero que, durante o curso, todos nós - eu inclusive – tenhamos tomado contato com mais visões de mundo micronacional, mais experiências, bem sucedidas e fracassadas, mais paradigmas distintos. Ao final da aventura, espero que nos tornemos mais capacitados para praticar o micronacionalismo, mais abertos a novas visões, multiculturais, e, mais importante, desenvolver a visão crítica sobre o fenômeno micronacional.

Igualmente, o Micronacionalismo Lato Sensu (ou Micronacionalismo no Sentido Amplo) é uma boa introdução à história, sociologia e filosofia micronacionais, enfim, a todos os campos de interesse da micropatriologia, abrindo os caminhos para que cada um possa aprofundar os estudos ou mesmo fazer outros cursos relacionados.

Bruno Cava, Novembro de 2004.

A micropatriologia é o estudo filosófico do mundo micronacional. Não é um saber empírico, porque ainda não atingiu um refinamento tal que desenvolvesse métodos experimentais rigorosos. Tampouco é puramente conceitual, estritamente filosófico, porque limita o objeto de estudo ao fenômeno micronacional. A micropatriologia restringe-se ao mundo micronacional, abordando outras ciências apenas incidentalmente. Seu caráter é, portanto, similar ao das ciências humanas: *compreensivo-interpretativo*..

Visa *compreender* a realidade micronacional e *interpretar* sua estrutura e funcionamento, suas "*regras próprias*". É uma indagação permanente e sistemática sobre o que são o micronacionalismo, seus valores, seus institutos. É a fundamentação racional, teórica e crítica do mundo micronacional.

1.5. MICROPATRIOLOGIA É UMA CIÊNCIA?

Não propriamente. Ao contrário da filosofia, a ciência não é um saber pantônomo e autônomo (Ortega y Gasset). Explico. A filosofia não assume pressupostos mínimos para abordar o objeto do estudo (autonomia) e não restringe o tipo de abordagem (pantonomia). A ciência, sim Justamente por isso que é possível analisar um fenômeno social sob o ponto de vista da psicologia, da antropologia, da economia ou do direito, sem que as diferentes conclusões sejam contraditórias.

Mas a micropatriologia ainda não atingiu tal refinamento. Ela pode abordar *qualquer aspecto* da prática micronacional, mesmo puramente conceitual, não dependendo de qualquer método de experimentação (que mesmo assim, poderá ser utilizado) ou ângulo preferencial de visada. Somente com a definição de metodologias mais rigorosas, objetivadoras, será possível classificar a micropatriologia como ciência na acepção estrita, ou desdobrar a micropatriologia em vários campos particulares. Ainda que possa ser considerada "*ciência*" num sentido amplo, como sistema de conhecimento (no mesmo sentido que "*ciência do futebol*"), a rigor, não é, ainda, uma ciência.

Presentemente, a micropatriologia é um saber filosófico. Poderíamos chamá-la, sem incorrer em erro, de *filosofia do micronacionalismo*. É como se estivéssemos no primeiro passo da construção do conhecimento, como ocorreu na Grécia Antiga, em que todos os saberes eram objeto da filosofia. Somente com a especialização pós-Renascimento, as ciências foram se destacando da filosofia, desenvolvendo rigorosos métodos experimentais e compreensivos que particularizaram a busca da verdade em distintos campos de interesse. Estamos no estágio anterior, ainda engatinhando com o saber micronacional.

De qualquer forma, a micropatriologia é condição *sine qua non* para aplicar as ciências humanas no mundo micronacional, desde a história até a ciência política. É um conhecimento obrigatório para que as ciências façam sentido no substrato micronacional, que exige, por vezes, significações traduzidas. As regras dessa *tradução*, ou seja, quando é pertinente modificar, sensível ou brutalmente, significações na passagem ao micronacional, quando não é, também é objeto da micropatriologia.

1.6. MICROPATRIOLOGIA COMO ELEMENTO DE TRANSFORMAÇÃO.

A micropatriologia não deve ser entendida como um saber contemplativo, sem contato com a realidade micronacional. Ao contrário, a micropatriologia é exatamente o primeiro passo para engendrar e promover a transformação e a revolução do mundo micronacional. Entender o mundo micronacional para poder impactá-lo.

A micropatriologia é forma segura e eficiente de vencer os preconceitos do senso comum, de separar o que é essencialmente micronacional de regras impostas pelo meio ou habitualmente praticadas a ponto de cegar-nos sobre a verdade. De destruir dogmas, vencer preconceitos e trilhar o caminho da razão e do conhecimento.

1.7. COMO SURGIU A MICROPATRIOLOGIA.

É certo que a micropatriologia existe desde o século XIX. A existência de pequenos e efêmeros países e de anomalias históricas, como a Ordem de Malta, Principado de Elba, Samaun, Jungholz ou mesmo Canudos, no Brasil, geraram o interesse de escritores e cientistas sobre o tema do *nacionalismo em pequena escala* e sobre a tentativa de formação de comunidades com algum tipo de soberania. A própria obra "*Os Sertões*", de Euclides da Cunha, possui conteúdo micropatrológico, ao detalhar, em meio a narrativas do conflito, como era a micronação liderada por Antônio Conselheiro.

A Wikipedia, contudo, determina historicamente o surgimento da micropatriologia com um tal Duque d'Astraudo, na década de 1880, graças a muitos escritos sobre enclaves e pequenos principados na Europa. Segundo a mesma fonte, o termo "*micropatriologia*" foi cunhado somente em 1973 por um tal Frederick W. Lehmann, presidente da Sociedade

1ª AULA

A MICROPATRIOLOGIA

1.1. ORIGEM DA PALAVRA "*MICROPATRIOLOGIA*". PRIMEIRA IDÉIA.

Micropatriologia é palavra formada por justaposição dos termos: micro ("*pequeno*", do grego) + patria ("*país*", do latim) + logia ("*conhecimento de*", do grego). Em inglês: micropatrology (também micropatriology) e, em francês, micropatriologie. No português, raramente, é encontrada sob a forma "*micropatrologia*".

Na simplicidade do senso comum, é simplesmente o "*estudo dos pequenos países*". Na wikipedia, encontraremos a definição geral de que é o "*estudo de países menores que Luxemburgo*". Em geral, quando falamos em micropatriologia, a primeira impressão é de tratar-se de uma "*ciência das micronações*", um estudo sobre o micronacionalismo, por micronacionalistas, para a própria prática.

1.2. INTRODUÇÃO.

Conforme vamos adquirindo experiência na prática micronacional, percebemos que existem diversos termos que adquirem um sentido todo especial no ambiente do micronacionalismo. São palavras que, espontaneamente, ganham sentido diferente do usual, não sendo possível entendê-las mais as buscando num dicionário comum. Exemplos clássicos dessa construção conceitual são as palavras "*atividade*" e "*seriedade*", que têm uma significação própria no mundo micronacional. Da mesma maneira, há palavras que só existem dentro do mundo micronacional, como "*macronacional*" ou "*paplismo*", sendo ininteligíveis para quem não é micronacionalista. A própria "*micropatriologia*" é uma dessas palavras que nasceu no âmbito do micronacional.

Na verdade, não é só na linguagem que o micronacionalismo interfere em nosso entendimento. As características intrínsecas ao ambiente miniaturizado produzem abordagens diferentes do senso comum sobre o conhecimento do que seja cultura, política, sociedade, ideologia, arte. São as *regras próprias* do mundo micronacional, aquilo que faz com que o micronacionalismo seja uma esfera diferente da nossa vida quotidiana, um objeto especial de conhecimento e ação humanos. Isto funciona também com conceitos que recebem um significado originalmente, mas que precisam ser *traduzidos* na passagem da lente micronacional, como "*soberania*" ou "*território*".

Mais à frente, veremos que o fator institucional (essas "*regras próprias*") do micronacionalismo não o qualifica como um "*outro mundo*", no sentido de possuir existência autônoma à realidade. Pelo contrário, toda instância da coexistência humana (família, círculo de amigos, profissão, meio acadêmico) também tem "*regras próprias*".

Os micronacionalistas, em maior ou menor grau, assumem, negam e discutem determinados pressupostos micronacionais. Quando alguém escreve um artigo sobre a finalidade do mundo micronacional, está tratando da estrutura conceitual do micronacionalismo. Quando discorre sobre uma política de governo micronacional, igualmente admite premissas e conteúdos valorativos do micronacionalismo, mesmo que implicitamente. Na verdade, qualquer idéia sobre o mundo micronacional e sua transformação presume uma visão do sujeito da idéia a respeito do que seja e ao que se propõe o micronacionalismo. É a *visão de mundo micronacional*. Todos nós, mesmo que tangencialmente, adotamos uma postura reflexiva acerca do mundo micronacional.

1.3. A ATITUDE CRÍTICA.

Alguns micronacionalistas decidiram ir mais longe. Ao invés de discutir premissas e propósitos do micronacionalismo *en passant*, em meio a outras questões, resolveram tornar o próprio mundo micronacional - suas "*regras próprias*" - como o objeto de preocupação e estudo. Concentrar a atitude crítica perante o mundo micronacional como uma atividade em si e por si mesma. O que é o micronacionalismo? O que é a Atividade? O que constitui, em essência, o paplismo? Por que o micronacionalismo? Quais as finalidades do micronacionalista? O que é micronação; o que não é?

Desta atitude crítica, nasce a micropatriologia.

1.4. O QUE É A MICROPATRIOLOGIA.

Internacional de Micropatriologia. Apesar das tentativas, não foi possível confirmar essas informações, ou seja, coloca-se aqui um ponto de interrogação, pedindo a cautela do aluno, porque podem ser mitos (no sentido de boato) tão comuns em nosso meio.

1.8. MICROPATRIOLOGIA E MOVIMENTOS DE LIBERTAÇÃO.

Como lusófonos, somos tentados a ser completamente absorvidos pelas concepções do *simulacionismo*, do *mensagismo* e do *virtualismo-modelismo* para entender o mundo micronacional. Raramente, despontam tendências distintas e acabamos limitando nossa compreensão do mundo micronacional. Iremos abordar esses fatores na próxima aula.

Por ora, vale apontar que obras sobre micronacionalismo serviram historicamente também como movimentos de libertação colonial, ou como forma de promover a identidade de pequenas comunidades, desenvolvendo laços culturais e políticos particulares. Micronacionalismo e descolonização são temas correlatos.

A título ilustrativo, vale a pena apenas dar uma passada rápida no artigo "*Micronacionalismo na Papua Nova Guiné*", de origem acadêmica da Austrália:

http://epress.anu.edu.au/sspng/mobile_devices/ch04.html

1.9. O INSTITUTO FRANCÊS DE MICROPATRIOLOGIA.

De toda sorte, é certo que em 1996 estava em funcionamento o Instituto Francês de Micropatriologia, o primeiro centro comprovado de pesquisas sobre o fenômeno micronacional. Sua existência pode ser verificada na Internet, além de haver referências de sua produção micropatriológica em diversas obras sobre o tema. O Instituto, cujo surgimento coincide com o boom da Internet, consagrou o termo "*micropatriologia*".

O mais prestigiado e denso trabalho sobre micropatriologia foi realizado por Fabrice O'Driscoll, fundador do Institut Français de Micropatrologie, francófono da cidade de Bandol, que escreveu "*Ils ne siègent pas à l'ONU*", ed. des Presses du Midi, 2000, 287 pág. Na obra, Driscoll aborda o fenômeno do micronacionalismo em amplitude, tratando de micro-estados, micronações e outras entidades efêmeras (em aulas posteriores iremos entrar em detalhes).

1.10. PETER RAVN RASMUSSEN.

Depois de Driscoll, outro micropatriólogo de destaque tem sido Peter Ravn Rasmussen, dinamarquês de Copenhagüen, fundador do Principado de Corvínia (1997) e autor de diversos artigos "*obrigatórios*" sobre micropatriologia. Ele desenvolveu a página "*Nations, States and Politics*", em que aborda questões micropatriológicas por excelência, como "*O que é micronacionalismo?*", a diferença entre micro-estado e micro-nação e várias referências a obras sobre nacionalismo em geral (Ver Links Obrigatórios, abaixo). A definição de micronacionalismo de Rasmussen pode ser encontrada em sites de organizações, fóruns e micronações de toda Anglofonia, tendo "*pegado*" para valer e servindo de apoio de autoridade às discussões micropatriológicas.

1.11. MICROPATRIOLÓGOS LUSÓFONOS. GINTNER, CASTRO E AGUIAR.

São três os principais micropatriólogos lusófonos com destaque em toda comunidade intermicronacional. Dos três, dois são muitíssimo reconhecidos na Lusofonia: Cláudio de Castro, fundador de Reunião, e Pedro Aguiar, fundador de Porto Claro. Os dois foram não apenas grande teóricos, mas também práticos do mundo micronacional. Todavia, o maior teórico lusófono do micronacionalismo, isto é, micropatriólogo, é Luiz José Gintner.

L.J. Gintner é catarinense de Três Lílias e pesquisou durante anos o fenômeno micronacional. Sua origem ajudou na inspiração, já que Três Lílias é constituída por uma comunidade alemã que ainda fala a língua originária, desenvolveu organização política peculiar, tem folclore, costumes e moeda próprias: uma micronação brasileira.

Seu conhecido livro é "*Em Busca de Liliput*", Ed. Litteris, 1997, que já está na segunda edição. Todo esse trabalho de pesquisa rendeu ao escritor dois prêmios: o de destaque da Bienal do Rio de Janeiro, em 1999, e o de Personalidade Cultural da União Brasileira dos Escritores da Academia Brasileira de Letras. É um orgulho à comunidade micronacional.

Nas 304 páginas do livro, Gintner reúne dados sobre mais de 400 micro-estados e micronações, bem como países imaginários, de Hong Kong a Sealand, de Liliput ao Contestado. Aborda o fenômeno micronacional de forma

compreensiva. Mais a frente, trataremos da classificação gintneriana, que divide o fenômeno em nove categorias: independentes e reconhecidos, semi-independentes, efêmeros, unidades políticas dependentes, especulativos, lendários ou mitológicos, enclaves ou exclaves, projetos políticos e territórios indígenas.

Cláudio de Castro e Pedro Aguiar também dispõem de sólida doutrina micronacional, com a vantagem de estar disponível online. O primeiro consolidou suas análises micropatriológicas na famosa *Mensagem do Imperador*, no site oficial reunião. Já Pedro Aguiar, mais teórico, produziu uma série de artigos e uma enciclopédia, a *Jéssica*.

1.12. LINKS OBRIGATÓRIOS.

Ao final da aula, apresento links "*obrigatórios*" para o aluno. Não é necessário ler todos os textos, mas sim saber que existe esse material e ter uma idéia geral sobre sua estrutura e conteúdo. São fontes primeiras, online, para a consulta sobre micropatriologia.

INSTITUTO FRANCÊS DE MICROPATRIOLOGIA:
http://www.geocities.com/CapitolHill/5829/

"NAÇÕES, ESTADOS E POLÍTICA" (RASMUSSEN)
http://www.scholiast.org/nations/index.html

"MICRONATIONS" NA WIKIPEDIA.ORG
http://en.wikipedia.org/wiki/Micronation

WORLD MICROPATROLOGICAL INSTITUTE
http://geography.about.com/cs/secession/

"MENSAGEM DO IMPERADOR", CLÁUDIO DE CASTRO (99, revisado em 2001)
http://www.reuniao.org/mensagem

PRIMEIRA PALESTRA DE PEDRO AGUIAR NO INSTITUTO DE MICROPATRIOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE REUNIÃO (Nov 98)
http://br.groups.yahoo.com/group/portoclaro/message/29

2ª AULA

O MITO NO MICRONACIONALISMO

2..1 INTRODUÇÃO.

Na última aula, vimos como a Micropatriologia se caracteriza pelo pensamento crítico a respeito da prática micronacional. A Micropatriologia debruça-se sobre próprio o mundo micronacional como objeto de estudo, refletindo a respeito dos pressupostos, dinâmica e finalidades.

Como se pode perceber, ao contrário da maioria dos cursos da Lusofonia, de especialização, *este é um curso de micropatriologia*. Não que seja um mérito especial, porém, é preciso reconhecer que busca a universalização do conhecimento micronacional, voltando os olhos para o micronacionalismo em si, ponto de partida para futuros conhecimentos, algo que precisa ser motivado em maior escala no nosso meio.

Vimos também que a micropatriologia presta importante função como *desmistificador* (no sentido de desmascarador de boatos) da prática micronacional e instrumento para um conhecimento mais verdadeiro e universal. Com a micropatriologia, procura-se um conhecimento mais racional, argumentado, buscando a coerência interna do pensamento e a correspondência com o real, garantindo conclusões que possam ser compreendidas, discutidas e aceitas por outros que venham a traçar o mesmo caminho. A Micropatriologia, como atitude crítica que inspira, é uma verdadeira destruidora de três fenômenos que obscurecem o conhecimento: o mito (no sentido de boato), a ideologia (como instrumento de dominação) e a alienação (no interior de mitos e ideologias). Para continuar em nosso percurso panorâmico pelo mundo micronacional, precisamos de uma *descontaminação*, que obrigatoriamente passa pela tomada de consciência sobre as manifestações do obscurantismo. Nesta aula, trataremos do MITO.

2.2. O QUE É O MITO?

Por mito, refiro-me a uma narrativa falsa para explicar determinado aspecto da realidade. Não tem fundo de verdade, que não seja, ocasionalmente, como sentido metafórico ou hiperbólico. Mito é a lenda, a falsa representação dos fatos. Por vezes, o mito é tão forte que se enraíza na cultura e se tornando parte do folclore de um povo. O mito pode ser *espontâneo*, quando emerge da consciência social sem ser provocado, ou *deliberado*, quando induzido com intenções de falsificação da história e que se faz passar, graças à alienação, à ingenuidade, como real. Infelizmente, o tipo predominante no micronacionalismo é o *mito deliberado*.

O mito difere da ideologia por ser pontual e isolado, enquanto a ideologia se desdobra num sistema, com impacto muito mais profundo no pensamento micronacional. Importante: não confundir mito com o virtualismo. Mito é narração irreal que se pensa real, ou que se pretende que os outros pensem como real, isto é, implica erro do sujeito em achar que algo irreal é o real ou que explica o real. Diferentemente, o virtualismo é uma narração ou *elemento irreal que se sabe irreal*. É a distinção sutil, também, entre personagem da dramaturgia (*irreal que se sabe irreal*) e paple (*irreal que não se sabe irreal*).

2.3. UM MICRONACIONALISMO CONTAMINADO DE MITOS.

O mundo micronacional está cheio de mitos. É um prato cheio para a formação, conservação e consagração dos mitos. Grande parte do conhecimento que nós, os micronacionalistas, temos da história do micronacionalismo se dá por relatos individuais, muitas vezes contados de forma incompleta ou parcial, recheados de subjetividade, ouvidos de uma única testemunha ou mesmo repassados por intermediários que sequer vivenciaram os eventos. Boa parte da verdade se perde na unilateralidade do relato ou na intermediação, parte é adulterada, parte é omitida, parte é agregada com invenções interessadas.

Não temos tempo ou paciência para garimpar os dados. Aceitamos versões únicas ou inacabadas, acolhemos narrativas que têm tudo para ser falsidade como se fossem verdadeiras. Não nos damos o trabalho de checar as informações, não buscamos a pluralidade de fontes. Se é que conseguimos achar as fontes, muitas vezes elas nem existem mais, são de todo insondáveis.

Jamais corremos atrás de mensagens em listas antigas, não nos damos ao trabalho de ler jornais e sites do passado. E se déssemos, frustrar-nos-íamos ante a falta de objetividade e realismo, às deturpações dos fatos, à inexistência de historiadores ou institutos preparados para trabalhar e produzir fatos históricos. Quando milagrosamente encontramos tempo disponível e conseguimos desnudar determinado acontecimento, achando fontes de época, não temos a noção de contexto ou de conjunto, isto é, não conseguimos correlacionar os fatos da época com a conjuntura, as regras do jogo da ocasião. Não há qualquer trabalho rigoroso e sério em história micronacional.

Tudo isto facilita a formação e difusão dos mitos micronacionais. Em verdade, a própria Internet é ambiente propício para a divulgação de mitos de toda espécie. Recebemos doses massivas de informação em nosso quotidiano, de tal forma desordenada e rápida que fica impossível checar as fontes com a devida correção. É difícil passar um dia sequer sem que recebamos "*notícias bombásticas*", "*super-promoções*" e "*grandes revelações*" através da caixa postal. Gente mal intencionada - por vezes criativa - não falta, atrás do conveniente anonimato virtual. Desde que o mundo micronacional adotou a Internet como meio de comunicação, acolheu as mesmas suscetibilidades.

2.4. O MITO DA HISTÓRIA GLORIOSA.

Ocorre quando a micronação afirma possuir uma história recheada de realizações, prestígio e glória, mas que, no fundo, não passa de *propaganda enganosa*. Seja inventando fatos, seja aumentando ou adulterando o que realmente aconteceu. Reparem que não se trata aqui das micronações com história virtualista - que se sabe possuir caráter lúdico - mas aquelas que dizem ter sido reconhecidas por países "*macro*", ter sido recebidas oficialmente pelas Nações Unidas, ter obtido sentenças favoráveis no estrangeiro, ter protagonistas brilhantes e ultra-ativos, mas cujas realizações foram bem mais modestas, ou inexistentes (criadas pelo propagador de mitos). Protagonista *paple* também é comum.

Fraude corrente é, de outro lado, forjar a data de fundação da micronação para sustentar uma antigüidade inexistente. Isto se dá reclamando uma existência pré-Internet - difícil de provar – muito anterior à data de efetivo lançamento da micronação.

Caso curioso é o Principado de Sealand (abordaremos com mais detalhes mais adiante), uma micronação sediada em antiga plataforma marítima da 2a Guerra Mundial e que já se envolveu em diversos escândalos de fraude de passaportes. Afirma ter sido reconhecida por uma sentença judicial da Inglaterra e se orgulha de ter abrido fogo contra uma fragata britânica. Vale a pena ler:

http://www.sealandgov.com/history.html

2.5. O MITO DOS NÚMEROS.

Outra forma muito comum de mito é inflacionar o número de cidadãos da micronação. Ocorre também quando se incrementa falsamente o número de *cidadãos ativos*. Especialmente presente na Lusofonia, em que a paixão por números vem dos primórdios (96-97), valorizando-se assim mais a concorrência quantitativa e de forma do que a qualitativa e de conteúdo. Em geral, o fundamento do mito dos números é a vaidade dos líderes da micronação, mas escamoteia também o interesse em atrair cidadãos, a partir do momento em que uma micronação populosa e movimentada (supostamente) provoca mais atração que uma pequena e quieta.

O fenômeno encontra par na famosa pergunta: "*Com quantas pessoas você já dormiu*?" Sobre a pergunta, a sabedoria popular enuncia a regra do três: se a quem você dirige a pergunta for mulher, multiplique por três a resposta, se for homem, divida por três. O micronacionalista lusófono é o homem.

2.6. EXEMPLO DE MITO DELIBERADO.

O Sacro Império de Reunião patrocina o movimento racista (white-power) da Igreja Creator (www.creator.org). Trata-se de mito que ciclicamente aflora e que conseguiu persuadir bastante gente em diversos períodos da história da Lusofonia. Seu embasamento é a semelhança entre a bandeira do Império e a da referida seita de supremacia branca, além de fatores circunstanciais (ex.: a ideologia do fundador de Reunião, que se diz malufista e direitista).

Como todo mito deliberado, esconde intenções, no caso o sentimento anti-reunião, a vontade de minar a confiança do povo da micronação perante seu fundador e da micronação diante da comunidade intermicronacional. Costuma partir de gente mal intencionada, que "*vaza*" a semelhança das bandeiras a terceiros que se quer manipular, jogando-os contra Reunião. O mito esteve na boca de gente célebre como Pedro Aguiar, Peter MacLeod, Igor Maccord e

uma porção de anglófonos conceituados; foi objeto de longos debates na LoSS e na imprensa lusófona, tendo inclusive servido de justificação ao primeiro e único golpe sério contra a autoridade do monarca reunião, o Golpe dos Hipócritas, em abril de 2000.

2.7. EXEMPLO DE MITO ESPONTÂNEO.

Pedro Aguiar é o pai do micronacionalismo. Existe também na forma atenuada: Pedro Aguiar é o fundador do micronacionalismo lusófono ou o pai da Lusofonia. De tempos em tempos, o mito aparece na imprensa, em comentários ou artigos.

O interessante é que por trás deste mito não se encontra nenhuma intenção maldosa. O mito parece ter emergido de uma percepção geral errônea que o micronacionalista desinformado tem da realidade lusófona. Incapaz de compreender o mundo micronacional como um todo, o micronacionalista deduziu suas próprias explicações para a origem da Lusofonia. Ouvindo ecos e recortes de dados aqui e ali, passou a acreditar no mito do Aguiar-Pai.

Na verdade, Pedro Aguiar não fundou o micronacionalismo. Como mostrado na última aula, já se escrevia sobre o mundo micronacional no séc. XIX, onde se entende, inclusive, ter surgido a micropatriologia. Se pensarmos num sentido amplo, toda nação da Antigüidade originou-se de uma micronação, de uma comunidade onde, embrionariamente, se cultivou o laço de nacionalidade, de cultura e política miniaturizadas. O Império Romano, um dia, também foi uma pequena comunidade de 20 ou 30 famílias sediadas no Monte Palatino, com uma cultura própria e incipiente - uma micronação.

Se, por outro lado, entendermos micronação apenas como país imaginário, haverá micronações em inúmeras obras da Antigüidade, da Idade Média e da Idade Moderna. Camelot, Shangri-lá e a Utopia de Thomas Morus serão micronações.

Passando ao conceito separatista de micronação, na Lusofonia houve micronações predecessoras à Porto Claro de Aguiar. Há os exemplos óbvios de Canudos e Contestado, que na passagem do séc. XX, obtiveram um curto sucesso com movimentos separatistas no sertão nordestino e na divisa do Paraná com Santa Catarina, respectivamente.

Há um exemplo mais recente: a "*República dos Pampas*", movimento separatista visando estabelecer uma nação independente no sul do Brasil, englobando os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, liderado pelo cidadão gaúcho Irton Marx, que ecoa a mais antiga "*República Farroupilha*" (existiu por 15 anos no séc. XIX). Como se sabe, o movimento separatista dos Pampas foi investigado pela polícia federal e acusado, em diversos veículos, de cunho racista.

Se concebermos, de outra maneira, num sentido mais estrito - micronação enquanto comunidade virtual - tampouco se pode dar a paternidade micronacional a Aguiar. Quando "*chegou à Internet*", no segundo semestre de 1996, já encontrou micronações constituídas, tais como o "*Reino da Niquedônia*", que ele mesmo cita. Dentre inúmeros exemplos de outras micronações que, como Porto Claro, atravessaram as fronteiras da Internet, estão Patria e Talossa. Se Aguiar reclama existência pré-ambiente virtual até 1992, os dois exemplos citados afirmam remontar a 1972 e 1979. Em 1973, segundo a Wikipédia, haveria uma Sociedade Internacional de Micropatriologia, presidida por Frederick W. Lehmann.

O que nos faz concluir que Pedro Aguiar foi um *pioneiro* do mundo micronacional na Internet, dentre outros, e o primeiro a fazer um tipo específico de micronacionalismo - o da comunidade virtual – de forma consistente e em língua portuguesa. É preciso apontar, ainda, que o micronacionalismo lusófono já brotou, depois de Aguiar, sem sua influência direta ou indireta, em micronações que surgiram independentemente, como Vitória, Keltersspruf ou Sloborskaia. Nem todo micronacionalismo lusófono na Internet, enquanto comunidade virtual passou por alguma experiência tocada por Aguiar.

2.8. CONCLUSÃO.

O mundo micronacional se manifesta como uma grande ARMADILHA DO CONHECIMENTO, permeado de mitos de toda natureza, deliberados e espontâneos, rasos e profundos, ingênuos e maldosos. A quantidade e profundidade dos mitos na mentalidade micronacional, especialmente em face do meio virtual, demanda excepcional atenção e cautela. Não se pode prescindir do exercício da dúvida sistemática e do cruzamento de dados. Se uma fonte em ciência humana é insuficiente, em micronacionalismo é um nada teórico.

O objetivo desta aula foi mostrar como é FUNDAMENTAL ao micropatriólogo uma atitude permanentemente crítica e reflexiva a respeito das informações e conhecimentos obtidos, visando separar o mito do real.

3ª AULA

AS FONIAS

3.1. INTRODUÇÃO.

Por muitas décadas, as micronações contatavam-se de maneira muito esporádica. Antes da década de 90, não havia meios regulares de comunicação ou organizações ativas que permitissem a congregação de micronacionalistas do mundo. Quando a micropatriologia se desenvolveu, a partir de 1973, o estudo das micronações não envolvia suas relações internas, mas somente cada micronação enquanto unidade auto-suficiente.

De um lado, isto se deveu à *tendência isolacionista* das micronações da época. Até bem recentemente, a maioria das micronações existentes seguia a linha separatista, planejando, efetivamente, destacar-se da ordem instituída de estados-nações, iniciada com a centralização nacionalista dos séculos XVI e XVII, consolidada no séc. XIX. O separatismo, salvo raras exceções, sempre andou lado a lado com o *isolacionismo*.

De outro lado, o meio de comunicação utilizado era o correio e o telefone, o que impôs grande limitação às relações entre micronações, devido ao custo e ao tempo envolvidos. Em geral, apenas os micronacionalistas mais engajados e ativos trocavam correspondência entre si. Modo precário de conduzir as relações intermicronacionais.

Sugerimos a futuros historiadores a adoção do termo "*Era Romântica*" para designar esta etapa do mundo micronacional, no sentido de *sonhadora, utópica* ou *idealista*.

3.2. A INTERNET E A CONSCIÊNCIA MICRONACIONAL.

Como sabem, a explosão da Internet na década de 90, especialmente a partir da segunda metade da década, revolucionou o micronacionalismo. Micronações de todos os tipos, das mais virtualistas às mais realistas, das modelistas às concretistas, adotaram a Internet como fachada e principal base para suas atividades. Instalada numa plataforma abandonada (Sealand), numa fazenda da zona rural (Molossia) ou num quarto adolescente (Talossa), as micronações mergulharam de cabeça no mundo virtual.

Não houve nada mais impulsionador para o micronacionalismo: um meio de comunicação e marketing instantâneo e planetário, por meio do qual se pode ostentar a história, a cultura, a política e as pretensões da micronação, além de angariar adesões de qualquer parte.

Vejam que muitos micronacionalistas das antigas (pré-90´s), cascudos, criticam essa explosão, devido à multiplicação desenfreada de iniciativas jocosas, adolescentes ou fora do espírito micronacional, passando uma imagem muito ruim e deturpada do micronacionalismo ao grande público. Não à toa o mundo micronacional passou a ser comparado como um RPG ou uma brincadeira de gente desocupada ou de *nerds* sem vida social.

De qualquer forma, ao mesmo tempo em que "*turbinou*" cada micronação, a Internet permitiu, pela primeira vez, o contato regular e intensivo entre as próprias micronações. De forma inédita, desenvolveu-se a *consciência micronacional*, isto é, o auto-conhecimento do fenômeno micronacional, o conhecimento de que se trata de uma manifestação humana que surge espontaneamente em muitas partes do globo.

Essa tomada de consciência causou, a partir de 1994, a formação das Fonias.

3.3. O QUE SÃO AS FONIAS?

No senso comum, a *X*fonia é um conjunto de micronações falantes do idioma *X* que se relaciona regularmente, com intercâmbito de informações e micronacionalistas. A Lusofonia, por exemplo, é entendida pela maioria como o conjunto de micronações de língua portuguesa, que orbitam um eixo comum.

A existência da Fonia pressupõe, obviamente, alguma compatibilidade de *modo de ser*. Não se espera que Atlantium trave relações com Sofia, a Ordem de Malta com Hutt River, ou Leblandia com a Rep. Parlamentar de ONU. Somente conseguem integrar a mesma Fonia micronações que tenham algumas semelhanças, a ponto de possibilitar o intercâmbito.

Analisando mais a fundo, a Fonia trata-se de um *espaço social* delimitado pelas fronteiras da língua. O eixo da Fonia, isto é, sua unidade, é histórico-cultural, mas decorre das facilidades da linguagem em primeiro lugar. Ela surge de maneira mais ou menos espontânea, a partir do processo de tomada de consciência micronacional e da existência de eixos comuns, que podem ser portais, listas distribuidoras, murais ou mesmo um fórum ou organização multinacional, agregador de micronacionalistas.

Mas a gênese não é absolutamente espontânea, porque micronacionalistas podem incentivar sua formação. Em verdade, ao lado da natural agregação de micronacionalistas, está também a *construção cultural* da Fonia. A Lusofonia, novamente como exemplo, foi também *construída* graças às listas distribuidoras de imprensa (como a #jornaleiro), aos portais (Microland, Laranja Mecânica) e também a jornais multinacionais, com o fator integração.

É muito simplista achar que alguém pode declarar "*fundei a Lusofonia!*", quando na verdade se trata de uma obra coletiva, de existência autônoma, cujo início primordial só pode ser precisado em face de muitas contribuições. Arriscando uma data para a delineação da unidade da Lusofonia, colocaria no ano de 1998, quando amadureceu, digamos assim, esse setor do mundo micronacional. Mais ou menos na mesma data em que se formavam duas Anglofonias (veremos mais adiante), a Francofonia e a Germanofonia (1999). A Polacofonia só viria a se moldar em 2000.

Em suma, as Fonias são um fenômeno potencializado pela Internet. Não fazem sentido fora dela. Portanto, é preciso ter em mente que muitas micronações fora da Internet - que atualmente perfazem a minoria - não tem sequer condições de integrar uma fonia.

3.4. AS FONIAS ABRANGEM TODO O MUNDO MICRONACIONAL?

É um erro clássico. As Fonias só existem quando unidas por um espaço comum de convivência, numa unidade territorial e cultural. Se duas micronações de língua espanhola nunca tiveram contato (direto ou indireto) entre si, elas *não* fazem parte da mesma Fonia. A Fonia não se caracteriza se não há interrelação entre seus componentes.

Uma micronação inteiramente isolacionista, em que nem seu governo nem seus cidadãos se interessem pelo restante do mundo micronacional, não fará parte de nenhuma Fonia. Contudo, é preciso que assim tenha ocorrido desde sempre. O Estado de Porto Claro (Porto Aguiar) é um exemplo de micronação isolacionista, mas que ainda pertence à Lusofonia, porque já fez parte, intensamente, da história desse grupo lingüístico. Além disso, EPC não é "*inteiramente*" isolacionista, tendo manejado relações com Orange e Campos Bastos. De outro lado, Keltersprufe Sloborskaia, antes de tomarem contato com a Lusofonia, não faziam parte dela. Não haviam sequer adquirido *consciência micronacional* (conhecimento que existem micronações semelhantes).

3.5. QUANTAS FONIAS EXISTEM?

Outra questão interessante é saber se existem tantas fonias quantos idiomas usados no âmbito do micronacionalismo. O esperanto, por exemplo, é a língua oficial de diversas micronações, porém, até prova em contrário, não articulou micronações num determinado espaço micronacional a ponto de formar um grupo lingüístico distintivo. Na Hispanofonia, ao contrário, presentemente constata-se uma coordenação maior das relações entre suas micronações, de forma que se pode falar em Fonia, ao menos em estágio de gestação. Semelhante processo, ainda mais embrionário, ocorre na Ítalofonia. As Fonias tradicionais conhecidas são Lusofonia (português), Germanofonia (alemão), Polacofonia (polonês), Francofonia (francês) e as AnglofoniaS (inglês).

3.6. POR QUE ANGLOFONIAS, NO PLURAL?

Pesquisa mais detalhada mostra que não existe apenas uma anglofonia, mas *várias*. São várias camadas de micronacionalismo praticamente independentes, cada qual com sua dinâmica própria, no que a Anglofonia difere das demais Fonias. Existe a Anglofonia concretista, a Anglofonia simulacionista, pelo menos duas Anglofonias virtualistas e por aí vai. É verdadeiramente um setor bastante abrangente e heterogêneo do mundo micronacional, com micronações incompatíveis entre si.

Isto se deve, em grande parte, ao número muito maior de micronações de língua inglesa. São mais de 800 conhecidas, após compilação dos diretórios de micronações. O número final deve ser muito maior que isso. Só nos EUA, está baseado cerca do quádruplo de micronações de toda a Lusofonia.

Além disso, muitas micronações de outros idiomas *também* integram a Anglofonia. A dinamarquesa Corvínia e a mexicana Eslo, por exemplo, integram a Anglofonia, sem fazer parte de qualquer grupo conhecido de micronações de língua escandinava ou espanhola. Fala-se o dinamarquês no território, mas externamente o inglês. Como o critério de formação e conservação das Fonias são relações entre si - é a *comunidade intermicronacional* que conta - a micronação é, neste sentido, anglófona.

Daí que é possível uma micronação lusófona não pertencer somente à Lusofonia, mas também à Anglofonia (a uma delas, ou a várias), por desenvolver ou ter desenvolvido atividades substanciais nesse grupo por um longo período. São os casos de Reunião, Pasárgada e Kelterspruf, mais acentuadamente que outras.

4ª AULA

A LUSOFONIA

4.1. HISTÓRIA DA LUSOFONIA.

É muito difícil precisar o aparecimento da Lusofonia. A identidade de pertencer a algo mais amplo que a sua própria micronação, a uma civilização peculiar, delimitada pelas "*fronteiras*" do idioma, não acontece da noite para o dia, mas de progressiva *construção cultural*.

Como é comum a todas as Fonias, dois fenômenos permitiram a construção coletiva da Lusofonia:

1) o aumento da população de lusófonos (principalmente, de brasileiros); e

2) a consolidação de um eixo comum de convivência, de um espaço conjunto de interação, além dos espaços exclusivamente nacionais.

Primeiro fator. O aumento populacional de micronacionalistas lusófonos coincide com o crescimento desordenado da rede mundial, a partir da segunda metade da década de 90. No Brasil, o boom virtual chegou com um atraso de um a dois anos em relação aos EUA, o que explica, em parte, o porquê do micronacionalismo em ambiente virtual ter iniciado primeiro em língua inglesa. Os pioneiros do micronacionalismo lusófono pela Internet são, também, os pioneiros da Internet. Dentre eles, destacam-se, sobremaneira, Pedro Aguiar, que trouxe o micronacionalismo lusófono à Internet em setembro de 1996, e Cláudio de Castro, que fundou Reunião onze meses depois, em agosto de 1997.

Neste contexto, dois eventos contribuíram decisivamente para a construção da Lusofonia: os booms de maio de 97 e de agosto de 98, em que matérias correlatas em dois jornais de alta tiragem - "*O Globo*" e "*A Folha de São Paulo*", respectivamente – atraíram uma legião de neófitos micronacionalistas brasileiros. Logo após a reportagem no maior jornal do país, a TV Cultura patrocinou entrevista com vários micronacionalistas da época. Ainda que a maioria das centenas de recém-chegados tenha desistido nos meses seguintes - como é praxe - muitos ficaram e injetaram o "*recheio*" necessário para dar corpo a uma embrionário Lusofonia.

Quanto ao segundo fator, é sabido que, no princípio, micronações que hoje são da Lusofonia mesclavam populações lusófonas e anglófonas. O exemplo máximo é o Sacro Império de Reunião, tendo se imiscuído em praticamente todos os meios anglófonos, conquistado reputação e muitos súditos não-lusófonos. Tais como Matt Dabrowsky, famoso chanceler imperial que defendia o *isolacionismo*, e Jeremy Johnson, canadense que também serviu como chanceler por longo período. De maneira semelhante, o Principado de Orange, aparecido no final de 1997, continha elementos não-lusófonos, valendo citar o chanceler e regente da micronação, Jean Tisserand, editor do jornal "*The Orange Peel*". Elementos anglófonos e lusófonos encontravam-se trançados, sem "*fronteira*" clara.

Em paralelo ao crescimento proporcionado tanto pelos booms, quanto pela expansão paulatina dos usuários de Internet, foram se desenvolvendo os meios de comunicação tipicamente lusófonos, fomentando a identidade cultural supra-nacional. O eixo comum, esqueleto da futura Lusofonia, ganhava substância, os primeiros passos na formação de um espaço social delimitado.

Como exemplos, vale apontar:

1) o Diário de Porto Claro, de Pedro Aguiar, que entre 1997 e 2000, somou mais de 200 edições, narrando intensivamente os acontecimentos das micronações lusófonas;

2) o Prêmio Aruaque, idéia que contou com impulso do Principado de Marajó (agosto de 98), cuja primeira edição ocorreu em 1998;

3) o portal do Laranja Mecânica, de Filipe Oliveira, inaugurado em abril de 1998, com mais de dez edições até o fim de 1999;

4) o desenvolvimento da esfera diplomática intra-lusofonia, que amadureceu ao longo de todo ano de 1998, culminando na fundação da Organização Latino-Americana de Micronações (OLAM), em novembro de 1998, mesmo que a organização jamais viria a sair do papel efetivamente, com pulsos ocasionais de atividade.

Todos esses eventos denotam que foi no ano de 1998 que se iniciou propriamente a História da Lusofonia. Antes disso, são *primórdios*, quando nossa identidade histórico-cultural, no âmbito do micronacionalismo, não se distinguia

claramente do difuso mundo micronacional. Não é pertinente, sem um estudo histórico mais aprofundado, arbitrar algum evento específico, em 1998, que poderia ser definido como o nascimento da idéia de Lusofonia.

Entretanto, é certo que, na passagem de 98 para 1999, havia 14 micronações lusófonas em atividade (das quais restam quatro: Reunião, Porto Claro, Marajó e Orange), orbitando ao derredor de um *eixo comum de convivência*, o que lhes dava autonomia cultural diante do restante do mundo micronacional. Sintoma dessa autonomia dá-se na crescente evasão dos não-lusófonos. Voltando a citar nossos exemplos: Jean Tisserand deixou Orange em abril de 1998; já Dabrowsky, após briga pelo poder em Reunião com Pedro Aguiar, migrou para Talossa, em julho do mesmo ano. A identidade lusófona também se destaca com a coordenação dos micronacionalistas lusófonos ao fundar a OLAM.

4.2. O TRONCO REUNIÃO-PORTOCLARENSE.

Lusofonia (sentido estrito) e tronco reunião-portoclarense são sinônimos. Porto Claro surgiu para o mundo virtual em setembro de 1996; Reunião em agosto de 1997. O tempo entre as duas fundações, ao contrário do que pode parecer, não é tão significativo, visto que naquela época primordial, havia poucos cidadãos e poucos acontecimentos dignos de nota, muito menos que os da experiência transbordante e caótica do micronacionalismo atual.

Durante toda a formação da Lusofonia, em 1998, o micronacionalismo em língua portuguesa quedou-se polarizado por essas duas micronações e seu peculiar e convergente "*modo de ser*". Cada uma influenciou a outra a sua maneira, sendo difícil precisar qual foi mais influente, qual foi capaz de impactar mais o que viria a ser a unidade cultural da Lusofonia. O próprio Pedro Aguiar, durante boa parte de 98, foi súdito reunião, sendo o primeiro premiê da micronação (o cargo foi feito sob medida ao fundador de PC). Cláudio de Castro, de outro lado, aproveitou recursos micronacionais de Porto Claro, aprimorando-os em grande medida e fundando um jeito próprio de fazer micronacionalismo, o "*reunion way*". Porto Claro foi mais original, abduzindo poucos elementos anglófonos, mas justamente por isso a contribuição de Reunião também foi igualmente relevante, estabelecendo uma ponte bastante produtiva entre o que acontecia fora e dentro do território da Lusofonia.

A grande maioria das micronações lusófonas pós-1997 se inspirou - direta ou indiretamente - nas referências de Reunião e Porto Claro, o que assegurou a homogeneidade de "*modos de ser*". Por mais que os sistemas políticos fossem brutalmente diferentes, em termos filosóficos, coincidiam num *modelismo* com maior ou menor grau de *virtualismo*. Pareciam divergir em tudo, mas sob visão mais distanciada, falavam a "*mesma língua*". Esta enorme semelhança garantiu, durante vários anos, a sólida unidade histórico-cultural da Lusofonia, alma da civilização micronacional lusófona.

4.3. A LUSOFONIA HOJE.

Por algum tempo, vigeu a bipolaridade Reunião - Porto Claro, e mais adiante Reunião - Marajó. Desde fins de 2000, não há mais pólos delineados, referências compulsórias, no micronacionalismo lusófono. O número cada vez maior de micronacionalistas, em cada vez mais micronações, somado à progressiva divergência quanto a "*modos de ser*", cisalhou o que outrora foi uma ortodoxa e monolítica Lusofonia.

Atualmente, o micronacionalismo lusófono caminha para direções diversas. De um lado, desenvolveu-se a *tendência realista*, com Pasárgada (2001) e Pacífica (2000), absorvendo parte dos rumos do micronacionalismo mundial. O *modelismo* mais fortemente *virtualista*, derivado de Pedro Aguiar e a primeira Porto Claro (1996), mantém-se firme em Mallorca (2000), Marajó (1998), Malê (2001) e Sofia (2000), seguindo a ortodoxia estrita do "*tronco*". Mais virtualista é o *modelismo* de Valquíria (2002), que alguns classificam como "*peculiarista*", invocada sucessora de Babylon 5 (1999) (veremos mais adiante as diversas classificações de filosofia micronacional). Um *modelismo* mais moderado, *virtualista*, mas com nítido viés *realista*, pode ser encontrado em Reunião (1997), Campos Bastos (2000), Normandia (2002) e Andorra (2002).

No entanto, não se esvai toda uma tradição micronacional de uma hora para outra. Persiste a forte identidade de ser da Lusofonia, uma identidade que vai além da vinculação nacional. Não é porque participo de Sofia que me sinto parte da Lusofonia, mas porque integro um grupo maior, supranacional, marcado por diversas particularidades e uma história comum, a nossa Lusofonia.

Se as fronteiras da Lusofonia tornaram-se incertas e maleáveis, o isolamento causado pelo idioma ainda é grande pedra angular da unidade cultural. Outro ponto pró-unidade é a *matiz mensagista*: os portais ainda são secundários e "*alternativos*" (ainda que haja nítido crescimento, graças à consciência das limitações do mensagismo), ficando a cargo das listas distribuidoras, como #jornaleiro, #areuniana e #imprensalivre, difundir notícias, opiniões, comunicados e brigas.

Portanto, fixados nos meios mensagistas, tendemos a deixar de lado os portais e '*boards*', tão populares nas outras Fonias, mas "*distantes*" para nós, viciados em outro meio de comunicação.

O turismo intra-Lusofonia, a partir de 2000, é outro fenômeno que dá coesão à Lusofonia. Não se pode esquecer, por último, a restrição da diplomacia lusófona a si própria, quase sem buscar o "*mundo exterior*". Raras exceções. De qualquer forma, salvo no meio anglófono, o isolacionismo diplomático endofônico também ocorre nas demais Fonias; a Francofonia e a Germanofonia, por exemplo, dificilmente arriscam empreitadas diplomáticas fora de seus espaços culturais.

Conclui-se que, se de um lado a unidade da Lusofonia permanece sólida, apesar dos distintos caminhos trilhados por suas micronações, de outro, verifica-se um certo isolacionismo crônico, difícil de romper, o que tem gerado percepções autocentradas e preconceitos diversos ao que está fora da *casca de noz*. Além da tendência de se julgar o modo mais legítimo de micronacionalismo - o mais propriamente micronacional, o modo "*natural*", o modo "*essencial*" - verifica-se também a forte incompreensão diante da heterogeidade caleidoscópica do "*mundo exterior*", que é muito maior e com muito mais "*modos de ser*" que o lusófono médio conhece. Mas, ao mesmo tempo, à margem das muitas diferentes, há muitas semelhanças que somente um contato mais estrito poderia aferir. O cúmulo do *isolacionismo* já se constatou, aliás, na imprensa local, com o mito da superioridade lusófona, como se o nosso micronacionalismo fosse o mais desenvolvido e sedimentado, a "*fina flor*" do mundico.

Políticas diplomáticas pautam-se por um isolacionismo diferente do nacional: o isolacionismo cultural. Estudos se limitam a abordar o que está ali na esquina, ao invés de tentar saber dos problemas e acontecimentos do bairro ou do município. Inclina-se, pela ignorância, em proclamar classificações limitadas e pouco condizentes à realidade micronacional, cisalhando o mundo micronacional em o-que-conheço e o o-que-não-conheço, a inventar mitos diversos para explicar o que não se sabe, em fazer análises equivocadas de micronações com as quais nunca se teve contato.

Definitivamente, a Lusofonia precisa de mais micropatriologia, precisa resgatar a tradição deixada por nossos pioneiros: Gintner, Castro e Aguiar.

4.4 LINKS OBRIGATÓRIOS - LUSOFONIA.

Como exposto na primeira aula, não é preciso ler todo o material assinalado abaixo. É preciso, contudo, saber que existem e acessá-los pelo menos uma vez, ampliando o "*know-where*" da nossa complexa e tradicional Lusofonia.

LISTAS DISTRIBUIDORAS:

1. Jornaleiro: http://br.groups.yahoo.com/group/jornaleiro/messages

2. Areuniana: http://br.groups.yahoo.com/group/areuniana/messages

3. Imprensalivre: http://br.groups.yahoo.com/group/imprensalivre/messages

PORTAIS:

4. Microland: http://www.microland.cjb.net/

5. A Bússola: http://www23.brinkster.com/agendaajato/duportal/duhome/default.asp

6. Agência Reuniana de Notícias: http://www.reuniao.org/arn/

7. Laranja Mecânica: http://geocities.yahoo.com.br/rezzutti/laranja/1.htm

ORGANIZAÇÕES:

8. Organização Latino-Americana de Micronações: http://www.olam.tk/

MICRONAÇÕES:

Porto Claro (antiga): http://portoclaro.cjb.net/

Sacro Imp. de Reunião: www.reuniao.org
Rep. de Orange: www.reporange.cjb.net
Rep. de Marajó: www.repmarajo.org
Império de Pacífica: www.pacifica.co.pt
Principado de Sofia: www.sofia.pro.br
Rep. de Mallorca: www.repmallorca.org
Comunidade Livre de Pasárgada: www.pasargada.org
Califado Malê do Brasil: www.brasilmale.org
Reino Insular da Normandia: www.normandia.cjb.net
Andorra Imperial: www.andorraimperial.tk
Reino Teocentrista de Valquíria: www.valquiria.net

5ª AULA

A ANGLOFONIA (PARTE 1)

5.1. INTRODUÇÃO.

Alerta: para abordar as micronações anglófonas, é preciso se desvencilhar de uma visão autocentrada de micronacionalismo, baseada na experiência na Lusofonia.

Em primeiro lugar, diferentemente da Lusofonia, a anglofonia é ponto de confluência das Fonias do mundo micronacional. Graças à maior universalidade da língua inglesa, é na anglofonia que afluem tendências originárias de todos os recantos do micronacionalismo, inclusive da Lusofonia. O mundo anglófono é, assim, a Mesopotâmia micronacional, conturbação das teorias e micronações dos mais distintos modos de ser.

Destarte, fazem parte das anglofonias micronações que não são originárias de países anglo-saxões, não são anglófonas na acepção *macro*. O Principado de Corvínia, por exemplo, é composto por dinamarqueses, mas se relaciona principalmente no inglês, sendo componente capital de uma das anglofonias. Reunião e Pasárgada – predominantemente lusófonas – são outros dois exemplos de micronações integradas a eixos anglófonos. Não há qualquer discriminação, neste meio, com relação a micronações que não sejam exclusivamente construídas por anglo-saxões, desde que a língua seja bem falada. Falar mal o idioma é mal visto. Portanto, quem quer projetar-se seriamente no mundo anglófono, é imprescindível um inglês fluente – ou então nem se arrisque.

Fazem parte da anglofonia, ainda, micronações cosmopolitas, que não tem uma base extra-micronacional bem definida. Exemplo: o Reino de Babkha, uma micronação anglófona baseada na cultura persa, com cidadãos espalhados pelo globo:

http://www.babkha.com/community/index.html

Em segundo lugar, a anglofonia não dispõe da mesma unidade da Lusofonia. Não há um eixo comum e único de convivência que agregue as micronações, nem uma origem, um tronco único do qual elas derivem. Como escrito acima, a anglofonia é o mundo da diversidade, a tal ponto que há muito mais "*modos de ser*" do que se poderia aferir na Lusofonia ou nas demais Fonias.

5.2. GRUPO DAS ISOLACIONISTAS.

Dentre o mundo anglófono, também, se podem verificar muitas micronações isolacionistas, cujo projeto micronacional não contempla contato com outras micronações. Em geral, trata-se de micronações secessionistas, cujo objetivo maior é conquistar *alguma forma de autonomia* sobre território físico e obter, em conseqüência, *alguma forma de reconhecimento* da ordem instituída de estados-nações. Mas nem todas. Talossa, por exemplo, apesar de isolacionista, pratica um micronacionalismo tipicamente modelista, sem pretensão a qualquer território, nem mesmo virtualista.

Portanto, nesta primeira parte da aula, falaremos das anglófonas fora da Anglofonia, ou seja, daquelas micronações anglófonas isolacionistas, que não compõem nenhum eixo comum de convivência com outras micronações e, por isso mesmo, desenvolveram-se de forma acintosamente original e diferente do que o lusófono médio está acostumado. Quando se fala em mundo micronacional, automaticamente se fala de Sealand, Atlantium, Hutt River, Freedonia, Talossa e Nova Roma, micronações que não podemos deixar de abordar, por sua fama na imprensa internacional e no imaginário dos micronacionalistas, mesmo grassando a desinformação sobre o conteúdo de cada qual.

Evidentemente, quando nos referimos ao grupo das isolacionistas, fazemos uma construção teórica de classificação, pois, por definição, as isolacionistas não formam grupo algum, não despendem tempo se relacionando com outras micronações e, em alguns casos, recusam a designação como "*micronação*" - apesar de o serem - o que já lhes valeu o apelido de "*auto-afirmacionistas*" (Cláudio de Castro).

5.3. SEALAND.

Exemplo notório é o Principado de Sealand, micronação fundada em 1967, a cerca de 15 km da costa sul da Grã-Bretanha, localizada em águas internacionais, sobre uma plataforma abandonada de defesa marítima, com pouco mais de 200 m2, utilizada na II Guerra Mundial. A micronação foi fundada por um major reformado do exército inglês chamado Paddy Roy Bates. Sua população residente nunca ultrapassou a família do fundador, mas o Principado informa (o que pode ser mito) que há mais de mil cidadãos "*on-shore*", residindo em outros países.

Muito famosa no meio micronacional e na mídia já há mais de trinta anos, Sealand - Terra do Mar - já se viu envolvida em escândalos de venda de passaportes, o que os responsáveis pela micronação imputam a terceiros de má fé. Apesar disso, de fato, o Principado fabrica selos e passaportes, ainda que alegue distribuí-los gratuitamente. Dentre suas metas atuais está a de se tornar um paraíso fiscal. Apesar de se apoiar numa sentença de uma corte britânica, até a presente data, a micronação não foi reconhecida de forma alguma pelo *establishment* internacional.

http://www.sealandgov.org/index.html

5.4. HUTT RIVER.

Isolada das demais micronações, Hutt River é outra que aspira à uma forma alternativa de soberania. Estabelecido no extremo oeste da Austrália, a cerca de 100 km da cidade de Perth, numa área relativamente remota, o Principado fundado por Leonard I atualmente congrega sua família e uns poucos residentes entusiastas, além de cidadãos não-residentes espalhados pelo globo, que "*conquistaram*" (compraram) a cidadania. Também emite selos e passaportes e coleta dinheiro das visitas turísticas. Não abre relações com outras micronações, e da mesma forma não obteve qualquer reconhecimento formal externo. Suas declarações audaciosas de independência são *toleradas* pelas autoridades australianas, uma vez que a micronação tornou-se pólo turístico. Não obstante, o Príncipe paga normalmente os impostos e inexiste registro de qualquer obstrução da aplicação da lei da Austrália.

http://www.huttriver.net/

5.5. ATLANTIUM.

O Estado Soberano Global de Atlantium, fundado em 1999, é outra micronação *sui generis*. Renega a denominação "*micronação*". Declara-se Estado com "*soberania global*", "*predominantemente não-territorial*", mas "*baseado em Sidney (Austrália)*". Atlantium rejeita a ordem instituída de estados-nações com soberania territorial, tachada de obsoleta, dominadora e fora da realidade globalizante - a "*Aldeia Global*" - do séc. XXI. Seu fundador e imperador é George II, que de vez em quando, se você tiver muita sorte, pode ser encontrado postando no portal do micro-nations.org

Assim como Sealand e Hutt River, além da existência virtual e de cidadãos espalhados pelo globo (cerca de quinhentos em sessenta países, segundo o *site*), Atlantium reclama um pedaço de terreno de apenas 61 m2 (área equivalente a um quadrado com 8 m de lado), encravado dentro do município de Sidney. Trata-se de uma reclamação menos concreta que Hutt River e menos ainda que Sealand, mas ainda mostra *afirmação* na realidade (ou afirmacionismo, de acordo com Cláudio de Castro).

Interessante também notar que Atlantium enfaticamente apresenta uma legislação altamente liberal sobre eutanásia, aborto e direitos homossexuais, sendo em alguns pontos mais flexível que a da própria Austrália. George II já afirmou que "*torce*" para que algum dia um atlante se inspire nessas leis em oposição à lei do estado. Mesmo que o estado propriamente dito se imponha, "*somente a polêmica e o debate gerados valerão muito a pena para o Estado Atlante*".

Atlantium é recordista em aparições na mídia, como mostra seu website. Além de constantes anúncios em jornais australianos, o Estado de Atlantium já foi abordado na Rússia, China, Turquia, México e Nova Zelândia. A micronação é original também ao buscar a independência financeira. Enquanto Sealand e Hutt River limitam-se a vender selos e passaportes, e eventualmente cobrar a visitação (especialmente a última, que é ponto turístico), Atlantium desenvolve um projeto bastante sério de instalar um sistema global de mídia online, alimentado pelos cidadãos espalhados nos cinco continentes. No site, há informação sobre o andamento da iniciativa.

Atlantium conta com cidadãos lusófonos, como Yuri Ghenov, que é delegado atlante na América do Sul, já tendo participado de uma conferência sobre separatismo e independência virtual na Catalunha (Espanha), onde houve reuniões com representantes catalães, galegos, bascos e de outros povos sem território reconhecido.

http://www.atlantium.org/ (nove idiomas!)

5.6. NOVA ROMA.

Surgida em 1998, Nova Roma é outra micronação que não admite o termo, declarando-se "*comunidade virtual*", por não reclamar território físico nem "*soberania virtual-global*", conceito construído pelos micronacionalistas atlantes. Mas Nova Roma renuncia qualquer aspecto virtualista, entendendo que seus cidadãos não representam personagens e nem "*brincam de micronações*".

Trata-se do exemplo máximo de *micronação culturalista*. O objetivo maior dos noviromanos não é a política - apesar de terem-na bem desenvolvida - mas a cultura, o resgate dos valores da Roma Antiga, "*para contribuir com o mundo de hoje*", "*focando na filosofia e na cultura da Antigüidade Clássica, em estudos sérios e profundos*". Sua estrutura é voltada à cultura, subdividida em "*sodalícios*" que abordam temas peculiares da identidade romana. Conta dentre os membros de historiadores, antropólogos e lingüistas; a faixa etária é relativamente alta (>25 anos) e a propaganda circula em alguns meios acadêmicos que lidam com a cultura romana.

Os cidadãos de Nova Roma realmente levam o projeto muito a sério, inexistindo o fluxo de entradas e saídas que se verifica numa micronação lusófona. A interação não se dá apenas na Internet, mas em conferências semestrais realizados nos EUA, além de um evento anual na própria capital da Itália, além de atuar por cartas, papers e telefone. De acordo com o site, somam mais de cento e cinqüenta cidadãos "*participativos*". Os cidadãos agrupam-se em Famílias, no esquema clientelista, adotando um patrono (deus do panteão) e caracteres próprios.

http://www.novaroma.org/

5.7. FREEDONIA.

O Principado de Freedonia, fundado em 1997 por um autoproclamado Prince John I, com "*embaixada oficial na Internet*" (o site), foi uma das primeiras micronações inspiradas unicamente por uma ideologia política. Alega ter centenas de cidadãos, mas os fóruns indicam em torno de trinta realmente participativos. Desenvolveu sólida doutrina. Defende o anarquismo, o início da deposição da ordem dos estados-nações através de movimentos de cunho global como o micronacionalismo. Contesta conceitos vendidos como verdades absolutas como soberania, território e estado, fundamentando-se na obra "*The Sovereign Individual*" (James Dale Davidson, 2000, US$ 10,50 pela Amazon).

http://www.freedonia.org/

5.8. TALOSSA - INTRODUÇÃO.

Uma das mais controversas e polêmicas micronações, incrustada no imaginário do micronacionalismo, é a República/Reino de Talossa, fundada em 1979, mas que chegou à Internet oficialmente apenas em 1995. É, sem sombra de dúvida, a micronação com o complexo de sites e a história mais ricos e aprofundados do mundo micronacional. Uma breve visita ao site nacional mostra o quão complexa é a construção cultural e política de Talossa ao longo dos anos. Possui uma rádio (Radio Free Talossa), vários jornais, uma universidade funcional e duas enciclopédias (Talossopedia e Mikitalossa).

Até janeiro de 2004, Talossa foi uma monarquia sólida capitaneada, com mão de ferro, por Robert Ben Madison. Enquanto a maioria dos cidadãos cansou-se do despotismo esclarecido do "Grande Líder", vindo a fundar a República de Talossa, um punhado ficou, mantendo as tradições do Reino.

Portanto, nesta aula, quando falamos de Talossa, tratamos da micronação unificada, a tradicional, pré-2004.

5.9. TALOSSA - BREVE HISTÓRIA.

Iniciou em Milwaukee (Wisconsin, EUA), em dezembro de 1979, quando Robert Ben Madison decreta seu quarto uma entidade soberana do globo e se proclama Rei de Talossa. Foi o ínicio de um projeto titânico de micronacionalismo. Nos primeiros anos, restringiu-se a poucos cidadãos que eram amigos de Robert, num espírito mais ou menos como a Porto Claro de Aguiar entre 1992 e 1996. Quando Madison entrou na Universidade de Winconsin, levou com ele o projeto micronacional, e a micronação pôde se desenvolver ainda mais, ao angariar cidadãos que estudam ciências humanas.

Talossa sempre se caracterizou por uma maciça e contínua construção cultural liderada por Ben Madison e sua obsessão acachapante pelo micronacionalismo. Antes mesmo de adentrar na Internet, a micronação contava com um idioma próprio, condensado num livro (impresso concretamente) com intrincada grámatica (!) e um dicionário com 28.000 entradas (!!), baseado no latim falado pelos bérberes no séc. V. Ex.: "*Ar Phatreu, qi isch à çéu, sanctificaðuâ estadra Tu nhôminaù*" (!?!?!). A língua possui 18 verbos irregulares e já há algumas obras traduzidas do inglês. Até 1999, apenas o próprio Madison dominava-a, quando outros talossanos se interessaram seriamente, aumentando o quórum dos debates no idioma nativo.

O boom de Talossa não veio em 1995, quando foi lançado o site, um dos primeiros - senão o primeiro - de uma micronação. Mas em 1996, com o primeiríssimo artigo na mídia americana - um anos antes de Porto Claro desfrutar sua explosão, em maio de 1997. A população rapidamente cresceu de 15-20 gatos pingados para mais de cem cidadãos de onze países diferentes, o que fortaleceu bastante a cultura local e municiou o jogo político.

Toda a história de Talossa consta detalhada - em minúcias inacreditáveis - no "The Talossan archives", mantido por Ben Madison. Somente a Parte 1, que vai até meados da década de 80, conta com 200 páginas! Boa parte da narrativa se confunde com a vida pessoal do fundador. A cada eleição, o rei ainda tem o esmero de escrever meticulosas análises políticas com mais de 20 páginas. Os encontros são fervilhantes.

Tudo isto rendeu uma fama de excepcional micronacionalista a Robert Ben Madison, mas também de *freak* obcecado e patológico, rastro que foi seguido, de maneiras ligeiramente diferentes, por fundadores de micronações na Internet da segunda metade da década de 90, como Pedro Aguiar e Cláudio de Castro, que absorveram parte do estilo totalizante-obsessivo-patológico, sendo absolutamente natural, para eles, despender de 8-12 horas por dia, religiosamente, na construção das respectivas micronações.

5.10. TALOSSA - PAÍSMODELISMO NA EXPRESSÃO MÁXIMA.

Por bastante tempo, Talossa influenciou o mundo micronacional com sua concepção inteiramente *modelista*, buscando desenvolver nova cultura e estruturas política de maneira radicalmente original, incorporando o mínimo possível da sociedade contemporânea. Talossa nunca fez reclamações virtualistas de território, mas ao mesmo tempo jamais levou a sério a reclamação sobre o aposento do fundador, contentando-se com a existência em território virtual. Houve o desenvolvimento de religiões originais, no mesmo estilo da iGREJA sALVADORA de Campos Bastos ou da ordem mística dos Stone, da Lusofonia. Em geral, de acordo com o material dos sites, os talossanos se consideram uma espécie de simulação política e cultural altamente desenvolvida, a ponto de ocupar tempo diário de seus participantes e inspirar disputas homéricas pelo poder.

5.11. TALOSSA - ISOLACIONISMO e SELETIVISMO.

Talossa ficou famosa, também, por declarar seu total isolacionismo, o que prossegue intocado desde 1998. A única micronação da Lusofonia que conseguiu ensaiar relações com Talossa foi o Sacro Império de Reunião, por um período muito curto. A micronação recusa-se, também, a ser chamada de micronação, por considerar a prática das micronações médias depreciativas e entediantes., declarando-se oficialmente "*nação soberana na América do Norte que secessionou dos EUA*" e "comunidade *de pessoas se divertindo em fazer coisas razoavelmente semelhates a outros países ('reais'), por razões de nostalgia ou luxúria pelo poder, na busca de uma paródia ou - sim - como construção de nação*" (esta última declaração decidida em plebiscito, em 1993). Ao mesmo tempo, o site informa se tratar de "*política da vida real, mas mais acessível*".

De outro lado, Talossa é a micronação com o sistema mais rigoroso para aquisição de cidadania, adotado logo após os booms, quando cresceu a preocupação pela qualidade dos cidadãos. A exigência é draconiana: ler ao menos 1 livro online e comprar de 2 a 16 livros impressos da micronação pelo site. Todos postulantes devem produzir um ensaio sobre a história de Talossa e uma redação com o título "*O que Talossa significa para mim*", a ser corrigido pelo próprio fundador, que decide se o postulante está apto ou não à cidadania. A seguir, o candidato é submetido à ratificação do Judiciário e das duas casas do Legislativo local.

O seletivismo fez com que Talossa ficasse reduzida, por diversos anos, a cerca de 50 cidadãos, mas 50 cidadãos *muito* integrados e dedicados à causa. Os encontros são freqüentes e as disputas políticas realmente complicadas e vibrantes, a ponto de ser considerado um "*vício incontrolável*" por seus membros.

Com a secessão da República de Talossa, em janeiro deste ano, a população do original Reino ficou reduzida a cerca de 10 cidadãos, ainda fiéis seguidores de Ben Madison. De outro lado, na novíssima República, contam-se vinte e seis micronacionalistas, sob a presidência de Michael Pope.

5.12. TALOSSA - LINKS ("*Talossa*" no google gera milhares de entradas)

Reino de Talossa (original):
http://my.execpc.com/~talossa/

República de Talossa:
http://www.talossa.com
http://www.talossa.net/
http://www.talossa.ws/

Talossapedia:
http://www.talossapedia.com/HomePage

Rádio Free Talossa:
http://www.talossa.tv/

Universidade:
http://www.universityoftalossa.com/index.php

6ª AULA

A ANGLOFONIA (PARTE 2)

O CINTURÃO CORVÍNIO.

Prosseguiremos no tour pelo micronacionalismo anglófono, adentrando no primeiro eixo comuns de convivência de interesse, uma das Anglofonias propriamente ditas. Se na aula anterior, passeamos por micronações isolacionistas, não-integradas em qualquer grupo de coexistência micronacional, nesta vamos tomar contato com um setor ("sectors") anglófono com alguma unidade histórico-cultural, menor que a nossa Lusofonia, mas com uma coesão similar.

6.1. O PRINCIPADO DE CORVÍNIA.

O Soberano Principado de Corvínia foi fundado em junho de 1997 por Peter Ravn Rasmussen, dinamarquês, graduado em história pela Universidade de Copenhaguen, de grande talento micronacional. Corvínia é típica micronação enquadrada na Anglofonia, permeada de experiências nos meios anglófonos, mas não possui um súdito sequer de origem anglo-saxã. Seus súditos, 57 de acordo com um censo em 2002 [impossível conferir proporção de ativos], são na grande maioria escandinavos.

Corvínia iniciou, nas palavras do fundador, como "*diversão casual*". Seu lema sempre foi "*não confundir com a realidade!*". No entanto, em pouco tempo, alcançou um grau de maturidade e justificação teórica incomparáveis. Pelas mãos de Rasmussen e de seu segundo-em-comando, um PhD em medicina chamado Lars Erik Bryld (Duque de Trekroner), Corvínia desenvolveu um site altamente consistente e uma doutrina micropatriológica inédita, superando, em alguns pontos, o anterior *'papa'* nesse saber, o francófono Fabrice Driscoill.

http://www.corvinia.org

6.2. OBRAS FAMOSAS. PORTAL MICRO-NATIONS.

Em primeiro lugar, Corvínia assumiu fundamental liderança ideológica com os artigos de Rasmussen em seu site "Nações, Estados e Política", de 2000 e 2001, indispensáveis ao aspirante a micropatriólogo. São links obrigatórios de nosso curso:

http://www.scholiast.org/nations/whatisanation.html
*"*Nations or states*" - ensaio em que Rasmussen trabalha a distinção entre nação e estado, antevendo a definição de micronacionalismo.

http://www.scholiast.org/nations/whatismicronationalism.html
*"*What is micronacionalism?*" - obra capital de Rasmussen, em que ele defende a unidade do fenômeno micronacional, das iniciativas mais insólitas e virtualistas ("just for fun") até experimentos secessionistas como Sealand, Seborga ou Hutt River ("statehood"). Essa unidade essencial sustenta-se no *potencial* que toda micronação tem de se tornar mais e mais séria; a própria Corvínia começou sem maiores pretensões, mas foi ganhando status de substancial micronação.

Para mais artigos de Rasmussen:
http://www.scholiast.org/nations/index.html

Além dos textos acima, que se tornaram referências automáticas dos novatos no mundo anglófono e além, o corvínio Lars Erik, de Corvínia, fundou, em 2000, o mais influente e famoso portal micronacional do mundo, o Micro-Nations: http://www.micro-nations.org que, lamentavelmente, saiu do ar há alguns meses. Esse portal tornou-se um dos mais reverenciados e agitados centros de informação micronacional. Além de dispor de murais (boards) em várias línguas, continha extenso diretório de micronações, chegando a dispor de mais de 300 links a micronações. O Portal também irradiou uma doutrina própria de classificação, em graus de seriedade, na seguinte seqüência: 1) *Just for fun*, 2) *Community of friends*, 3) *Political exercise*, 4) *Cultural experiment*, 5) *Nationhood*, 6) *Statehood*, que veremos mais adiante nas aulas sobre modos de ser e visões de mundo micronacional.

Rasmussen destacou-se, ainda, na imprensa intermicronacional, editando sucessivamente o Imprimatur (97-98) e o The Newsletter (98- 99), sobre acontecimentos micronacionais. No entanto, a máxima maturidade do príncipe corvínio sobreveio com o mais recente Ignes Fatui - "*um periódico daquilo que não significa*", revista eletrônica mensal, que somou 14 memoráveis edições entre janeiro de 2000 e outubro de 2001.

http://www.corvinia.org/ignes/index.html
*Todas edições online e mais material interessante.

Numa prosa sintética, em inglês, Rasmussen narra as atualidades micronacionais e tece análises afiadas, cheio de neologismos: YAMO (*yet another micronational organization*), inCaps, conlang, kludge e e-zine. Nesse site, Rasmussen apresenta-nos seu famoso "*Teste de Seriedade*", que enriquecerá o tema "*Seriedade Micronacional*", a ser abordado no curso mais para a frente.

De autoria de Rasmussen, enfim, é o primeiro Glossário Micronacional, de 1998, enriquecido continuamente até 2003. Chegou dois anos antes do trabalho do Centro Anglófono de Micropatriologia, de Steven Foong. Encontra alguma semelhança com a Enciclopédia Jéssica, de Pedro Aguiar, e com o bem mais recente glossário do Instituto Pasargadista de Micropatriologia.

http://www.corvinia.org/minfor/micglossary.html

6.3. CRESCENTE PÓLO DE INFLUÊNCIA.

Devido a tudo isto, foi conseqüência natural que o Principado de Corvínia se tornasse uma referência das mais destacadas e inspiradoras do mundo anglófono, a ponto de criar, por si próprio, um eixo comum de convivência. Nas micronações integrantes do Cinturão Corvínio, ou seja, que se identificam com a cultura do Principado dinamarquês, dá-se mais ou menos a mesma relação de herança e dependência histórica das micronações da Lusofonia para com Reunião e Porto Claro.

A influência de Corvínia se fez sentir atraindo para sua órbita renomadas micronações da época, fundadas com proximidade: Reino de Lectoria (abr. 97), Reino de Falkenberg (mar. 98) e Império Triselênico (nov. 98). Destas, as duas primeiras submergiram na inatividade antes de 2000, enquanto o Império Triselênico foi absorvido em 2000 por Triparia e mais tarde, em 2002, trasmutou-se no Império de Septempontia, formado por americanos baseados na Pennsylvania, EUA, liderados por Alaum Caum, micronacionalista desde 1997 e ativo até os dias de hoje, como se verificam nos fóruns da micronação.

http://www.septempontia.org/

6.4. O COMITÊ DOS POVOS. CONSOLIDAÇÃO DA INFLUÊNCIA CORVÍNIA.

Em março de 1999, Corvínia mostra o poder ideológico consolidado ao fundar, junto de Lectoria e Falkenberg, o *Comitê dos Povos* (Comity of Peoples - CoM), sediado no próprio complexo de sites corvínio. Foi, desde a origem, a mais elitista organização micronacional, tida por "*crème de la crème*" do mundo micronacional. Em junho do mesmo ano, o Reino de Triparia foi a primeira micronação a ingressar no grupo após a fundação.

As micronações integrantes do CoM mantinham relações com pouquíssimas outras, tornando-se um círculo fechado. Rejeitaram taxativamente o modelismo, como praticado em Talossa, na Lusofonia e no emergente Apollo Sector. De outro lado, passaram a valorizar somente e unicamente os estilos "*Nationhood*" e "*Statehood*", na leitura dessa classificação conforme o corvínio Lars Erik. Abandonaram outras ligas intermicronacionais, como a LoSS (Liga dos Estados Secessionistas), rejeitaram a seriedade da LoM (Liga das Micronações) e relegaram a segundo plano os contatos anteriores no *MicroWorld* de Thomas Leys, anos antes.

Com a formação do CoM, no primeiro semestre de 1999, firmaram-se o *seletivismo* e o *anti-virtualismo* encabeçados por Corvínia, formando-se, de forma nítida, uma Fonia própria, com plena identidade, razoavelmente isolada do resto do micronacionalismo: o Cinturão Corvínio.

http://www.corvinia.org/minfor/comity/

Como se percebe no próprio site, o CoM é um clube privé de micronações de alto nível. O sistema de admissão assemelha-se a um clube de golfe. O candidato precisa da indicação de pelo menos dois membros do Comitê e aprovação por ao menos 2/3 do total.

6.5. O CÍRCULO CORVÍNIO SE EXPANDE. MOLOSSIA E TORHAVN.

Duas micronações, após a fundação, rapidamente sentiram-se seduzidas pela atração magnética do Principado de Corvínia. Se a maioria dos que buscam contato com Peter Ravn são sumariamente ignorados e, não raramente, tachados de "*bugs*" micronacionais, um termo cunhado pelo talossano Ben Madison e por muitas vezes adotado pelos corvínios, pelo menos essas duas micronações conquistaram o privilégio de serem admitidas no cinturão corvínio.

A primeira foi República de Molôssia, original micronação de base norte-americana, ininterruptamente muito ativa desde setembro de 1999, graças ao trabalho dedicado de Kevin Baugh. Molôssia iniciou como um projeto separatista, nos mesmos moldes de Hutt River, na Austrália. O fundador Baugh declarou independência sobre suas terras no estado de Nevada, hasteou a bandeira molossiana e passou a construir política e culturalmente uma nova micronação. Sediou virtualmente eventos relevantes do maistream micronacional, como as primeiras Olimpíadas do Mundo Micronacional (2000), o Prêmio Norton (espécie de Aruaque anglófono) e a Expo-Mundo Intermicronacional (2001).

Com o 11 de setembro de 2001, Baugh refreou o *separatismo*, possivelmente como reflexo do maior patriotismo norte-americano, colocando bem no início do site um aviso de que Molôssia deixava de ser uma micronação séria. No entanto, mais à frente, voltou atrás, de volta às pretensões originais. Neste sentido, adquiriu mais terras, no norte da Califórnia, também declarado território molossiano. Passou a vender produtos, organizou cultura e língua bastante originais, o site apresentou especial profissionalismo. A micronação tende a ser pólo turístico, como ambiciona Baugh, novamente lembrando Hutt River, talvez propositadamente. Atualmente, Molôssia tem um projeto conjunto de soberania limitada em convênio com Septempontia.

Independente da independência cultural, Molôssia tornou-se protegè do Principado de Corvínia, que lhe concedeu as credenciais para adentrar no seleto círculo. Em janeiro de 2000, sob patrocínio de Corvínia e Lectoria, a República de Molôssia adentrou no CoM, o que a forçou a restringir suas relações diplomáticas, de forma a se nivelar com o time de elite.

http://www.molossia.org

A segunda micronação "*emergente*", fundada em agosto de 1999, logo se submetendo à liderança espiritual de Rasmussen, foi o Reino de TorHavn (e não Torhavn!), por Kashmir Diana, uma das mais originais e consistentes micronações do mundo. Por um brevíssimo período, foi modelista, chegando a adentrar na LoSS e na LoM, mas devido à Influência corvínia, depurou-se cuidadosamente de todo *virtualismo* e assumiu feições ecologistas, na classificação "*Nationhood*". O passado *modelista* custou-lhe dificuldades em adentrar no CoM, de maneira que somente conseguiu na segunda tentativa, em junho de 2000, sob patrocínio de Corvínia, que batalhou a causa de TorHavn junto da fidalguia de tradicionais membros.

O site de TorHavn é desorganizado, mas oferece toneladas de informações úteis, com uma miscelânea de FAQs que sintetizam o pensamento corvínio, molôssio e de outras micronações. Vale muito a pena ler o material sobre "*O que é uma micronação?*" e "*O que estamos fazendo aqui*?". TorHavn é muito mais liberal que o grupo elitista do CoM, tendo travado relações diplomáticas com várias micronações mais ecléticas, tais como a polaca Império de Leblandia, a holandesa República de Flanders, a germanófona Vershault e a lusófona Pasárgada. Reconhece, unilateralmente, uma das mais inusitadas micronações, a República Paralela Gay, de canadenses.

TorHavn é uma das micronações mais fiéis de Corvínia, oferecendo tributo moral mesmo nos períodos de inatividade de Peter Rasmussen. Na lista de relações diplomáticas, o Principado dinamarquês aparece no grau máximo: "*First friend*", seguindo por Molôssia: "*Most favored nation*". Reunião vem em quarto, em "*Favored nations*".

http://www.geocities.com/principality_lavalon/essay_comp.htm

6.6. CINTURÃO CORVÍNIO E LUSOFONIA.

Apesar de contatos ocasionais entre Pasárgada e Molôssia ou TorHavn, a partir de 2001, praticamente todo o contato entre o Cinturão Corvínio e a Lusofonia se deu através do Sacro Império de Reunião, por meio de Cláudio de

Castro, Matt Dabrowsky e Jeremy Johnson. Num primeiro momento, houve crises entre Corvínia e a contemporânea Reunião. Aquela sempre viu no império uma rival à inconteste liderança que começava a projetar sobre o mudo anglófono em 1998. O embate só não foi maior porque o fundador de Reunião preferiu unir-se à nata da anglofonia, a confrontá-la, numa política universalista. Na primeira crise, em janeiro de 1998, se deu com entrevero entre Dabrowsky e Ravn Rasmussen, contornado pela intervenção do imperador, que forçou seu chanceler a se retratar. No mês seguinte, nova contenda verbal, resultando no rompimento de Corvínia e sua aliada Falkenberg com o Sacro Império. Em maio de 1998, a segunda crise foi enfrentada e contornada.

A conciliação definitiva viria em abril de 2000, quando Reunião foi admitida no Comitê dos Povos. De certa forma, nessa esfera, submeteu-se ao pólo de atração corvínio, que dominava ideologicamente os demais membros do grupo, especialmente TorHavn, Molôssia e Triselene. O mais interessante é que o reunion way difere substancialmente daquele praticado pelos membros do CoM. A entrada nesse círculo de elite somente pode ser explicada pelo imenso prestígio do Sacro Império desde 1997, graças a uma reputação meticulosamente construída e propagandeada por Cláudio de Castro, que mantinha contatos regulares com Rasmussen.

Não há mais nenhum contato perceptível entre o cinturão corvínio e a Lusofonia. Corvínia em si somente travou contato com Reunião, de forma cada vez mais intermitente a partir do ano 2000. As demais tiveram nenhum interesse pela Lusofonia, com as exceções apontadas acima em relação à Pasárgada, que empreendeu enorme esforço para se aproximar de Molôssia e TorHavn, sem "penetrar" no núcleo ou conseguir respostas afirmativas do príncipe Ravn.

6.7. O CINTURÃO HOJE.

Corvínia e Peter Ravn Rasmussen tem aparecido nos meios intermicronacionais com baixa periodicidade. Verificam-se, pontualmente, postagens no Micro-Nations.org, de Lars Erik, mas o veículo saiu do ar neste ano pela primeira vez desde 2000. Lectoria, Falkenberg e Triparia são dormentes, parte da história micronacional, seus sites são 404 - broken links. O império Triselênico tornou-se o menos destacado Império de Septempontia. Por sua vez, TorHavn e Molôssia continuam sua trajetória micronacional, muito ativas, cada vez mais originais, tendendo claramente para o "Statehood". Molôssia e Septempontia tornaram-se, curiosamente, grandes aliadas.

O *Comity of Peoples* nunca foi realmente ativo, jamais precensicou qualquer discussão relevante que se mantivesse, entretanto, cumpriu a sua meta: afirmou a hegemonia do Principado de Corvínia, estendendo sua aura de qualidade e seriedade - "*majestade*" no dizer de Kashmir Diana – por outras micronações, felizes de integrar a nata do mundo micronacional.

Em última instância, a liderança corvínia e a necessidade de se afirmar perante um mundo micronacional recheado de iniciativas pueris e inconsistentes, fizeram com que surgisse o eixo de convivência mais elitista e, na visão de vários excluídos ou reprovados, prepotente e arrogante do mundo micronacional, a ponto do Principado ser ciclicamente atacado por *lammers* e plagiadores. De outro lado, permitiu construir uma unidade histórico-cultural que inexistia na Anglofonia, fenômeno iniciado em 1998 e consolidado em 1999, mais ou menos ao mesmo tempo em que Talossa se isolava completamente e que um outro grupo, bem menos elitista, mais modelista, nos estilos lusófonos, que abordaremos na próxima aula: o Apollo Sector.

6.8. LINKS.

http://www.corvinia.org/minprop/imprim/imp03.html
Artigo na edição 3 do Imprimatur, em que Peter Ravn Rasmussen explica a distinção entre *modelismo* e *derivatismo* (também conhecido por realismo). Será importante em aulas posteriores.

http://www.geocities.com/micronations/
Página formulada pela Rep. de Molôssia para ajudar fundadores de novas micronações; fala do básico: atividade, seriedade, definição, governo, constituição, sites etc.

7ª AULA

A ANGLOFONIA (PARTE 3)

APOLLO SECTOR.

7.1. ILUSTRAÇÃO.

"Extra! Extra! Ninguém sabe exatamente o que ocorreu, mas as notícias estão se espalhando por todo que o Rasinato e o Novo Império Soviético estão em guerra. Esta é provavelmente a única coisa não verdadeira, mas alguma coisa está acontecendo entre as duas nações. O que, exatamente, levará muita investigação para descobrirmos. Este incidente vai realmente ser um teste a todos micronacionalistas, visto que duas super-potências tentam evitar uma guerra destrutiva. Primeiro de tudo, deve ser dito que nenhuma das micronações acredita que começou o conflito, e ninguém sabe quem deu a primeira pancada. Contudo, todos têm suas suspeitas, mas nada se confirmou de que o bombardeio inicial veio do Rasinato, dos soviéticos, ou de um terceiro grupo. Alguém do Império Soviético ou fingindo ser usou o Canhão SPAM e bombardeou o Rasinato, que recebeu na última noite 1000 cartões e-greetings (...)" - Extraído e traduzido da 85ª edição do "Apollo Fireball", de 19/07/2001.

Este é apenas um exemplo da dinâmica do Apollo Sector. Um eixo comum de convivência marcado por intrigas, guerras, disputas políticas, paplismos e todo tipo de maquinação. Terra de espionagem, disputas entre capitalistas e comunistas, golpes e contra-golpes. Nas páginas do Apollo Fireball e do Apollo Skyline - os dois mais relevantes veículos do setor - lê-se uma história de instabilidade e efervescência. Povoado principalmente por adolescentes americanos, mas com alguns europeus e australianos, o Apollo Sector apresentou tanta atividade quanto toda a Lusofonia, entre os anos de 1999 e 2004, tendo atingido o auge em 2001.

7.2. SURGIMENTO.

O Apollo Sector teve uma origem bastante curiosa. Surgiu como um fórum de discussão sobre o jogo Civilization II, chamado "*The Apolyton Civilization II Site Off-Topic*". Nele, debatiam-se detalhes dos jogos em rede que os apolônios participavam. Nas palavras de Scott Siskind, verdadeiro guru do setor, era um fórum "*vibrante*", "*com gente fascinante*" e "*grande sentido de amizade*". Giant Squid, um dos membros, tomou contato pela primeira vez com as micronações e introduziu no fórum de Civ II, a idéia.

Não durou muito para que fosse fundada a primeira micronação derivada do grupo de Civ II: Apolyton Independent Nation, em agosto de 1999, que durou poucos meses e foi substituída por United Demesos, atingindo 15 cidadãos em dez. 99. Em jan. de 2000, John Sager, outro integrante do grupo original, fundou Audentior, que logo entrou em guerra com a solitária United Demesos. Imediatamente, o comportamento agressivo, conquistador, derivado do jogo Civilization, tornou-se a regra do grupo. Nos meses seguintes, o Apollo Sector viveu um boom equiparável ao da Lusofonia em 1998, multiplicando-se o número de micronações e a quantidade de micronacionalistas.

7.3. FORMAÇÃO DA FONIA.

Em 2000, o Apollo Sector contou cerca de 50 micronacionalistas ativos e 10 micronações: Audentior, Jasonia, Ceres, Hyberborea, Shireroth, Norfolk, Blackrock, Tulsa, Lyrica, Istvanistan, FSBellatoria, Antarctica; outras foram incorporadas ao grupo pela convivência, como Purplebunny. Como se verificou em toda a história, diversas micronações alegadamente "Just For Fun", com nomes esquisitos, tornaram-se comuns, tais como "As Ilhas Voadoras de Jasonia" (Flying Islands of Jasonia), "Federação do Coelho Roxo" (Purplebunny Federation), "Maquiavélia" ou "MinhaNação" (MyNation).

Característica fundamental do Apollo Sector é a convivência mediante *boards*. Se na Lusofonia, foi consagrada a lista de distribuição, no Apollo Sector prevaleceu totalmente o esquema de quadros. Foi desenvolvido a tal ponto que muitas micronações tiveram como sites os próprios quadros, mais bem floreados. O que se explica, também, pela vida curta da maioria dos experimentos do Apollo Sector.

Em geral, as micronações do Apollo Sector praticam um micronacionalismo simulacionista, todas, sem exceção, declaram-se simulações de países, numa simulação de mundo. Os participantes não utilizam os nomes reais, muitas vezes atuando com nomes bizarros, como Giant Squid, KOBA, Siberian Fox, FDryier e por aí vai. O paplismo é muito comum e utilizado principalmente para espionagem; houve escândalos mensais em cada uma das micronações. Em conseqüência, maquinações surgem e desaparecem com rapidez fantástica. A dupla-cidadania, em geral, é liberada no Apollo Sector.

Em 2001, já eram mais de quarenta micronações desse Setor, destacando-se Novi Dalmacija, Lesser Alteria, People's Republic of the New Soviet Empire (PRNSE), Free States, Baracao, Republic of Interland, Commonwealth of Benacia, Paramount, Nautilus Free State, Skerry Islands, Holy Paladin Order, People's Republic of Rulcentia, Atteran Commonwealth (AtterCom), Republic of Aerlig, Republic of Mondesia etc.

7.4. CENTROS DE GRAVIDADE.

O mais importante centro de gravidade, que cimentou o setor como um grupo bem definido no mundo micronacional, foi o periódico *Apollo Fireball*. Editado por Scott Siskind, lançou 142 edições online entre setembro de 2000 e abril de 2002. Adotou o slogan "*Truth will make ye free*" e cobriu a maioria dos acontecimentos da fonia numa periodicidade maior que semanal:

http://www.geocities.com/giantsquid1_1999/Fireball/site.html

Para ler as edições:
http://www.geocities.com/giantsquid1_1999/Fireball/issueXX

Onde XX é o número da edição, exemplos:

http://www.geocities.com/giantsquid1_1999/Fireball/issue01

http://www.geocities.com/giantsquid1_1999/Fireball/issue87

O fim do Apollo Fireball, na edição 142, mostrava sinais de esgotamento do micronacionalismo-pancadaria praticado, mas ele ainda foi substituído por outro jornal, editado por Siskind e Erik Metzler, o *Apollo Skyline*..

O Apollo Skyline circulou entre junho de 2002 e dezembro de 2003, acumulando 93 edições:
http://www.geocities.com/apolloskyline/issueXX.html
http://www.geocities.com/apolloskyline/issue1.html
http://www.geocities.com/apolloskyline/issue93.html

Ao redor do Fireball e do Skyline, girava o quotidiano dos apolônios, com suas disputas palacianas, intrigas intestinas e golpes paplísticos. Um dos maiores paplistas da época, que chegou a acumular 15 paples-espiões simultaneamente, foi Thomas Hubert, fundador de cerca de 10 micronações (a maioria one-man-nation) e participante de outras tantas. Suas infantilidades reiteradas fizeram pegar o apelido de Thomas Pubert.

Outros veículos de imprensa formidáveis foram o *Avay Rastakhiz*, de Babkha, o *Morovian Telegraph*, o *Morovian Star* e o *The Micronational Free Press*, este último do editor Scott Noseworthy, que até hoje está na ativa. Outro jornal muito útil, mas que durou pouco, foi o *Tymarian Sun*.

7.5. PROJETO CARTOGRÁFICO.

O Apollo Sector se destacou pelo mais bem sucedido projeto virtualista de cartografia, por meio da *Micronational Cartography Society*:

http://www.geocities.com/apollostates/

Lançado em 2001 e rapidamente se tornando centro de gravidade do setor, no mapa coabitava, virtualisticamente (mapa totalmente fictício), a maioria dos estados apolônios. Incrivelmente, as disputas "*territoriais*" renderam brigas homéricas e secessões.

Earl Washburn, de Amerada, chegou a lançar um mapa concorrente, com menos micronações, mas não vingou como o principal:

http://www.micro-monde.50megs.com/

7.6. CENTRO DE MICROPATRIOLOGIA.

Em 2002, graças ao micropatriólogo Steven Foong (Morovia), houve um boom da micropatriologia no Apollo Sector. O material produziu foi consolidado através do *Micropatrological Research Center*, arquivando artigos em formato .pdf e incluindo um incipiente dicionário de micronacionalismo. Dentre as teorias desenvolvidas pelo grupo estão o Sistema Dual de Classificação Micronacional (gráfico x e y de definição de micronações)/Steven Foong e o CUSP (Complete *Unified System Package*)/Conrad Cromien.

http://micropatriology.port5.com/

7.7 FUNDAÇÃO APOLLO.

Em 2003, para salvaguardar o legado histórico de Apollo, aumentando ainda mais a forte identidade de suas micronações, foi criada a *Apollo Foundation*. O objetivo era de catalogar as micronações do setor, contar sua história e oferecer curiosidades. O site, incompleto, está disponível em:

http://www.aftp2000.angelcities.com/faq.html

Importante definição do setor, por Ryan Caruso: "*The Apollo Sector is a collection of micronations that share a common heritage. They all seem to have a certain degree of craziness and eccentricity in their naming or character. For example, The Flying Islands of Jasonia, the Purple Bunny Federation and Hyperborea, to name but a few. Historian and general micronational guru Scott Siskind has defined it in more detail here.*"

7.8. ORGANIZAÇÕES INTERMICRONACIONAIS.

A primeira organização típica do Apollo Sector foi a Organização para a Integração e Cooperação de Micronações (*Organization for Enhancement and Cooperation of Micronations* - OECM), fundada em 2000, mas que nunca se ativou verdadeiramente. O site está perdido. Outra tentativa, que durou de 2000 a 2001, foi a *Apollo Confederacy*, que nunca teve site, mas board.

http://p089.ezboard.com/btheapolloconfederacy

Em novembro de 2000, com o desenvolvimento de uma economia virtualista, que também não prosperou, foi fundada a Organização de Moeda e Comércio Intermicronacionais (*Intermicronational Currency Exchange Organization* - ICEO), limitando-se também a um board.

http://pub114.ezboard.com/fmicronationalnewsnetwork48264frm8

Finalmente, 2003, a mais séria organização foi desenvolvida, a Assembléia de Micronações (*Assembly of Micronations*), com as micronações do setor e outras. Pasárgada é a única lusófona presente, como membro-observador.

http://p201.ezboard.com/btheassemblyofmicronations36655

Independente dos organismos próprios do Apollo Sector, as micronações participantes nunca foram isolacionistas culturais, vindo a se relacionar e até buscando contato com outros grupos. Não foram acolhidas, obviamente, pelo Cinturão Corvínio, que as descartou como "*bugs*" micronacionais. No entanto, adentraram em massa na Liga das Micronações (LoM), onde um importante cidadão de Lyrica, Matt Hanson, chegou a ser alçado a secretário-geral, em 2001. Também integraram, em menor grau, a Esplêndida União dos Micro-Estados (SPUM) e a Liga dos Estados Secessionistas (LoSS).

7.9. AS TENTATIVAS DE UNIFICAÇÃO.

A fragmentaridade e instabilidade das micronações do Apollo Sector tornaram-se parte da identidade do grupo. Contudo, alguns micronacionalistas, liderados pelo canadense Julian Starr, puxaram uma corrente de desfragmentação, contra micronações menores e prevendo unificações, mais ou menos como o movimento ideológico da Lusofonia no final de 2003 para 2004, quando Mariana se integrou à Reunião e Sloborskaia à Pasárgada.

Reflexo disso foi a criação da maior micronação do setor, possivelmente de todo mundo micronacional, em outubro de 2000. Foi a República Unida de Tymaria (*United Republic of Tymaria*), cujo site se perdeu. Na origem, foi formada pela unificação abrupta, da noite para o dia, de 9 micronações ativas: Argaal, RoQM, Hyperborea, Shireroth, Machiavellia, Tapfer, Skerry Isles, Free Republic, and Interland.

Tymaria não durou muito. Em janeiro de 2002, quando somava mais de 100 cidadãos ativos, estourou o escândalo TYSOG. Imperialistas, um grupo de timários tentava sublevar o Reino de Moróvia. Esta é micronação mais antiga que o setor, governada pelo Rei Vincent III e que chegou a travar relações com micronações tidas por sérias, como Freedonia, Molôssia e Reunião. Mas na passagem para 2000, o rei inativou e Moróvia tornou-se dormente. Os timários viram a chance de se apoderar de um patrimônio cultural relevante, ganhando em reputação. Infiltratam, assim, agentes em Morovia e declararam a República. Contudo, o rei Vincent reapareceu, a lista secreta dos conspiradores foi descoberta e houve racha interno. Pode-se traçar paralelo com o escândalo de Pretoria, na Lusofonia, em fins de 2000. O "*TYSOG incident*", como ficou conhecido, é narrado na edição 120 do Apollo Fireball.

http://www.geocities.com/giantsquid1_1999/Fireball/issue120

Foi o começo do fim. Em março do mesmo ano, já havia um Conselho Anti-Timária, contra o imperialismo decadente da super-micronação. Tymaria se veria envolta em turbulências, golpes e contra-golpes, esfacelando-se gradualmente, devido a várias secessões, até desaparecer por completo antes de fazer o primeiro aniversário.

Não obstante, ainda houve duas unificações importantes, de três micronações tornando-se uma. A primeira gerou a Comunidade de Benacia, que durou 6 meses, e a segunda a Hegemonia de Alexandros, com 1 e meio de vida. Todas mortas atualmente.

Outra iniciativa no mesmo espírito digna de nota foi o "*Intermicronational Unification Compact*" (jan/02), cujo objetivo era fundir as três principais organizações multilaterais: LoSS, LoM e SPUM. Pasárgada foi a única lusófona a participar, no "*Unification Comity*". Como se sabe, não deu certo.

7.10. MICRONAÇÕES DE DESTAQUE.

1. República Imperial de SHIREROTH. Para uns, é o coração do Apollo Sector, lar do 'cabeça' Scott Siskind. Já fez parte de Tymaria, Benacia e Alexandros, mas atualmente é independente. 100% modelista.
http://www.shireroth.org/

2. Ordem soberana de TREESIA. Outra micronação desde os primórdios do Apollo Sector, também reflete o "sentimento" predominante do grupo. Está inativa desde meados de 2004, mas o site é bem organizado. http://www.treesia.org/

3. República de AERLIG. Ao visitar o site, espanta que é somente um board. Contudo, serve pra mostrar como se desenvolveu a maioria das micronações de Apollo Sector: um simples board. Ainda ativa.
http://www.aerlig.tk/

4. Novo Império SOVIÉTICO do Povo (People´s New Soviet Empire - PNSE). Fundado em 2001 pelos camaradas KOBA (Sean Walker) e Siberian Fox. Chegou a contar 30 cidadãos ativos e se meteu em tudo que é tipo de escândalo de espionagem, como se verifica pelos jornais. Duraram seis meses de relativa prosperidade, desdobrou-se em outras micronações, como People´s Republic of Interlant, People´s Republic of People (!) e Baracao (esta fundamentada no regime cubano). Chegou a renascer, mas logo sumiu de novo. A maioria dos membros está ativa em Aerlig. http://www.soviet-empire.com/ussr/nation/introduction.php

5. Rasinato Imperial de Q´ATTERA-MACUSIAA. Inspirado na cultura etíope (abissínia). Encabeçada por Ras Diga Makonnen e Ras Bitworded, dois sargentos do exército americano. Foi a micronação mais agressiva do mundo micronacional. Originalmente, não era do Apollo Sector, mas terminou se incorporando a ele em 2001, após ser rejeitada como não-séria pelo Cinturão Corvínio, ao qual sempre se opôs veementemente. Lançou a famosa política New Bold Era,

que visava, nas entrelinhas, dominar o mundo. Organizou o Pacto Apollo e esteve em praticamente todas as brigas e escândalos, como no TYSOG. Brigou com metade das micronações que se relacionou e fez a outra metade sua colônia. Fundou a Atteran Commonwealth (AtterCom), anexando micronações sucessivamente. 100% modelista, como o Apollo Sector inteiro. Atualmente, é o Império de ATTERA (Macussia é uma província). Ainda ativo. http://atteraimpgov.port5.com/

6. Reino de BABKHA. Fundada em 2000, é outra que não era propriamente de Apollo, mas foi "sugada" ao se imiscuir nos relacionamentos e organizações, além das brigas. Inspirada na cultura persa. Grande aliada de Pasárgada em todas ocasiões, graças aos contatos com o Shah Ardashir e Abbas Namvari. É micronação bastante cosmopolita, com membros espalhados ao redor do globo. Pratica um misto de modelismo e realismo; nas FAQ se considera uma micro-sociedade real, com soberania imanente. Site muito bem organizado.
http://www.babkha.com

7. Reino de MOROVIA. Data de março 1996 (mais antiga que Reunião e Port Colice). Depois de reaparecer no incidente TYSOG, em janeiro de 2002, Vincent III sumiu no meio do mesmo ano, deixando a micronação a outros micronacionalistas, que promoveram verdadeira revitalização. É uma micronação organizada, dosa modelismo com realismo, como Babkha, mas está muito inativa desde o fim de 2003. Não era do Apollo Sector, mas foi incorporada, sem se relacionar com o exterior, depois de Tymaria (vários migraram para a antiga Morovia).
http://www.morovia.tk/

8. Comunidade de PURITANIA. Tentativa em 2003 de fundar uma micronação a salvo das baixarias e escândalos do Apollo Sector, uma micronação *pura*. Já nos estertores do Apollo Sector, foi uma das tentativas de renascimento, junto da Fundação Apollo. O que chama a atenção em Puritania é a revolução conceitual. Simplesmente, não admitia a noção de *cidadania*. Não possuía *cidadãos*. Qualquer um poderia participar de qualquer poll e os polls eram secretos!! Em tese, alguém poderia votar quantas vezes quiser nos polls, que seria impossível de descobrir. A boa fé era presumida. Não havia também *eleições*, todos os cargos eram simplesmente autointitulados por cada um... exemplo, Julian Starr se declarou Lorde Protetor de Puritania e passou a atuar nas funções que ele mesmo criou para si. Obviamente, não deu certo, durou um ano e teve várias votações contestadas.
http://p196.ezboard.com/btynwaldhill75606

7.11. RELAÇÕES COM A LUSOFONIA.

Os contatos com a Lusofonia não foram tão tangenciais quanto se imagina. Além de interagir bem proximamente com as micronações ligadas a LoM, SPUM e LoSS, o Apollo Sector "*descobriu*" os lusophones através de Pasárgada e Kelterspruf, a partir do final de 2000 e, principalmente, do primeiro semestre de 2001. A micronação travou relações com praticamente todos países do Setor, estabelecendo uma ponte privilegiada por meio de Babkha. O interessante é que o modo de ser do Apollo Sector é muito modelista, além de não ter qualquer grau de seletivismo na escolha de parceiros, mas não se desenvolveu relacionamento amplo com micronações lusófonas.

Há citações da Lusofonia nos jornais locais, mostrando que a desinformação é mais nossa do que deles. Na ed. 53 (abr.01) do Fireball, comenta-se sobre a contenda de Porto Claro e Campos Bastos, por ocasião da tentativa da última integrar a LoM. Na 68, comenta-se da briga entre Sir Nbungo Kelterspruf e o Shah de Babkha. No mês seguinte, ed. 78, noticia-se a inatividade em Reunião, desmentindo que a micronação lusófona tenha desaparecido. Curioso, ainda, na ed. 95 (ago.01), há um editorial sobre a bandeira reuniã e a igreja Creator, em meio a um novo 'upcoming' desse mito. Interessados em ler, buscar nos links do Apollo Fireball, acima.

7.12. CONCLUSÃO.

É impossível abordar o Apollo Sector em detalhes. O tamanho, complexidade e história assemelham-se à história da Lusofonia, mas com mais brigas e escândalos. Nesta aula, procurei dar uma visão panorâmica sobre o que foi esse grupo bem delineado, com identidades histórico-culturais, conhecidos por Apollo Sector.

Matiz do por modelismo, políticas agressivas e instabilidade. Após os atentados nos EUA em set. 2001, o Setor começou um declínio que iria criar desânimo e decadentismo por todo ano de 2002. Na ed. 8 do Skyline, lamenta-se o "*Mais do Mesmo*". Finalmente, numa das últimas edições desse jornal - que substitui o Apollo Fireball - na edição 73 (jan.03), comenta-se da dissolução geral do setor. Foi a época que se pretendeu resgatar a glória dos apolônios, com a Fundação Apollo e a Assembléia de Nações, mas o movimento foi pontual, não chegando a 2004, que definitivamente foi o ano da queda.

Presentemente, há apenas micronações esparsas, herdeiras do Apollo Sector, revitalizados por micronacionalistas que não viveram os anos de auge em 2000 e 2001. Babkha, Morovia, Attera e Shireroth, provavelmente, são os melhores exemplares derivados dessa fonia, hoje convivendo num grupo bem menor e menos barulhento, mais maduro. O boom do Apollo Sector se confunde com a febre da Internet em 2000 e a decadência com o fim da lambança de domínios livres e gratuitos (afastando parte da garotada), bem como o 11 de setembro, que aumentou o patriotismo norte-americano, retirando recursos do <micro>nacionalismo. De outro lado, comenta-se que o modelo se esgotou, que as brigas repetiam-se e nada de novo era produzido, o que levou a abandonos sucessivos dos cabeças.

7.13. LEITURA INDISPENSÁVEL.

*"Apollo History" - por Scott Siskind (Shireroth), 29/01/04
http://p211.ezboard.com/fshirerothfrm72.showMessage?topicID=19.topic

7.14. LEITURAS RECOMENDADAS.

*"Post-Micronationalism", artigo muito perspicaz sobre a síndrome de sísifo e pontos positivos do "mais do mesmo", por Emir of Raspur (Babkha), no Talk Micronations, 06/08/04
http://p074.ezboard.com/fmicronationalnewsnetwork48264frm3.showMessage?topicID=215.topic

*"A Treatise on Micronational Existence on the Internet and the Resulting Implications", artigo enviado ao Kay Francess Literature Competition, em Lavalon - por Gryphon Avocatio (Shireroth), 21/09/03
http://p211.ezboard.com/fshirerothfrm72.showMessage?topicID=12.topic

*"A History Of The United Micronian Republic of Tymaria", sobre a tentativa da super-micronação e os problemas advindos, por Scott Siskind (Shireroth), 29/01/2004. Se possível, ler também toda discussão subseqüente, disponível no board.
http://p211.ezboard.com/fshirerothfrm72.showMessage?topicID=21.topic

8ª AULA

ORGANIZAÇÕES ANGLÓFONAS

8.1 INTRODUÇÃO

Nesta aula, não vamos abordar outro setor específico da anglosfera. Seguindo nossa viagem pelo micronacionalismo no sentido amplo, agora, vamos pousar num terreno que sempre foi revolvido no mundo anglófono: as ligas e organizações intermicronacionais. Se na Lusofonia desenvolveram-se a OLAM e a OML, na Francofonia a ONV e o Micro-Monde e na Germanofonia a UVNO, no complexo anglófono formaram-se pelo menos uma dezena de ativas e estáveis - pelo menos durante um período razoável - de organismos de convivência entre micronações.

Como exposto anteriormente, as organizações intermicronacionais exercem o importante papel de consolidar eixos comuns de convivência. Estão incrustradas na própria noção de Fonia. Compartilhando da atividade numa liga, as micronações vêem-se conduzidas a ajustar a linguagem micronacional, a solidarizar os pressupostos de modo a permitir a conversação, o intercâmbio cultural. Cultivando um espaço comum de coexistência, cria-se também uma identidade, constróem-se culturalmente afinidades e interesses em comum. A própria liga, freqüentemente, reflete a sedimentação de uma forma de pensar o micronacionalismo, a ponta-de-lança de uma proposta-base que outras micronações vão aderindo.

Na 3ª aula, ficou claro que a OLAM, junto com outras instituições (como o Aruaque e o Laranja Mecânica), foi fundamental para cimentar as micronações lusófonas a partir do final de 1998, concretando aquilo que, mais a frente, entederemos por "Lusofonia". Na aula sobre o Cinturão Corvínio, outra Fonia, ou outro cantão micronacional, também não ficaram dúvidas de que a fundação do Comitê dos Povos (CoP) teve tudo a ver com a afirmação da influência de Corvínia, de seu modo de ser e seu discurso micropatriológico, que nada mais era que o discurso de Peter Ravn, Lars Erick e seus seguidores. O CoM reverberou a influência corvínia, criou um espaço próprio de convivência para trazer outras micronações interessadas à sua órbita de excelência e de conteúdo ideológico. Na Francofonia, veremos como a ONV também foi o centro da idéia de unidade desse grupo lingüístico. O mesmo para a UVNO na Germanofonia.

8.2. INFINIDADE DE ORGANIZAÇÕES. YAMO.

Como tudo no mundo anglófono é mais diversificado, mesmo porque é um setor que agrega micronacionalistas do mundo todo e micronações que também falam outras línguas, não surgiu apenas uma ou duas ligas intermicronacionais, mas, pelo menos, uma dezena. Listemos siglas: LoM - League of Micronations, SPUM - Splendid MicroUnion of Microstatia, AoM - Assembly of Micronations, LoSS - League of Secessionist States, CoP - Comity of Peoples, UD – United Democracies, LUN - League of Unrecognized Nations, UM – United Micronations, GDTO - Global Defence Treaty Organisation, OEHM - Organisation for the Enhancement of Micronations, ICEO - International Currency and Economy Organisation, CoM – Commonwealth of Micronations, só para citar as mais conhecidas.

A profusão de organismos intermicronacionais causou, inclusive, a reação intelectual de micropatriólogos, críticos da volatilidade e inconseqüência com que os micronacionalistas lançam-se em empreitadas sem sustentação, nem futuro, sem projeto básico. Neste espírito, Ravn Rasmussen cunhou a expressão YAMO, significando, satíricamente, "*Yet Another Micronational Organisation*" (Ainda Outra Organização Micronacional - AOOM).

De acordo com o célebre micropatriólogo corvínio, em seu jornal-portal Ignes Fatui, YAMO refere-se a qualquer uma wanna-be-UN (quero-ser-ONU) que aparece ciclicamente no mundo micronacional e, geralmente (para não dizer sempre), resulta em amargo fracasso. Ravn não poupa críticas sequer à bem consolidada LoSS, que afirma ser formada por micronações com um comportamento "kids-taunting-each-other-in-the-playground-sandbox". As micronações do Cinturão Corvínio, bem como as isolacionistas (exceção a Talossa, lógico), não se interessaram pela LoSS.

Realmente, nenhuma organização intermicronacional, nem da Anglofonia, jamais alcançou, nem chegou perto (nem longe!), da universalidade. Algumas, como a LoSS e a LoM, nos melhores dias, atingiram cerca de 40-50 estados-membros, mas sempre oriundos de um determinado setor ou modo de ser micronacional.

8.3. LIGA DOS ESTADOS SECESSIONISTAS. A LoSS.

A organização fundada pelo monarca talossano Robert Ben Madison é, sem sombra de dúvidas, a mais estável e famosa dentre os organismos micronacionais da Anglofonia, de todo mundo micronacional. Madison iniciou em 1979, aos doze anos, seu projeto hercúleo e inacreditável de micronacionalismo, com o Reino de Talossa, que abordamos previamente Um ano depois, decidiu criar a LoSS, em parceria com dois amigos: John Eiffler (Reino de Thord) e John Jahn (Império de Jahn), advindos de duas "*micronações*", toscas e inativas, possivelmente 'one-man-nations', muito longe da robutez talossana.

"*We, the World Singular Secessionist states, declare our solidarity and pledge to each other our military and economic aid. We declare our utmost dedication to World Singular Secessionism and a world of 10,000,000,000 nations.*"

Assim foi criada a LoSS, em 26 set. 1980, inspirada no sonho (delírio?) de Ben Madison em caminhar em direção a um mundo de 10 bilhões de nações. Essa LoSS original era simplesmente uma "aliança militar e econômica" contra uma quarta one-man-nation, o Glib Room Empire. Com a extinção de Jahn e Thord nos meses seguintes, a LoSS caiu na inatividade, que durou nada menos que 16 anos.

Com o boom da Internet na década de 90, o micronacionalismo ganhou milhares de adeptos no mundo todo e se proliferou. Chegando à Internet, Talossa tornou-se, em 1995, a primeira micronação a ter amplo destaque na mídia, atingindo, de maneira inédita, a marca de cem súditos. A maior testemunha desses primórdios é a canônica 'Micronations page', página didática feita por Robert para instruir novatos no mundo micronacional:

http://www.geocities.com/CapitolHill/5111/archive/patsilor.htm

Neste contexto, o primeiro site da LoSS foi lançado em 1996, quando 6 micronações, além de Talossa, compunham o organismo. Eram elas: Reino de Riesenguthland-Ellermark, Co-Principado de Sandaria, União das Repúblicas Ruritarianas, Sereníssimo e Excelente Reino da Niquedônia, Império da Identidade de Lati e a primeira membro lusófona, o Reino de Porto Claro, de Pedro Aguiar:

http://www.geocities.com/CapitolHill/5111/archive/loss1996.htm

É interessante notar que o nome da organização: "secessionista", pode produzir a impressão de se tratar de uma liga para micronações que aspiram seriamente a obter território físico, a se tornarem independentes, efetivamente, dos países estabelecidos; e/ou daquelas com planos de colonizar a Lua, Marte ou asteróides, comprar uma ilha (ou fazer a sua própria, artificial) ou se estabelecer sobre um iceberg ou plataformas marítimas abandonadas. Tudo o que, na classificação de Rasmussen e Lars, mereceria a designação "Statehood" (estatalidade). A impressão de a LoSS ser secessionista, neste sentido, afastou muitas micronações mais voltadas ao modelismo e virtualismo.

No entanto, de acordo com o site, os objetivos expressos da Liga são:

a) prover um fórum para o diálogo de micronações;
b) estabelecer um lugar central para compilação de informações micronacionais;
c) pesquisar a história, a política e as implicações legais da micronacionalidade;
d) levantar a consciência pública sobre micronações e micronacionalidade.

Fica mais do que claro que o objetivo capital da LoSS é o *incentivo à consciência micronacional*, das micronações enquanto micronações e perante o mundo extra-micronacional (ou "macronacional").

Quando nem havia, propriamente, Lusofonia, Pedro Aguiar participava engajadamente na LoSS. Em outubro de 1996, foi eleito o primeiro secretário-geral. A chegada de representantes de Port Colice fortaleceu ainda mais o projeto, tanto que, na passagem para 1997, começou a estruturação dos órgãos e protocolos internos de ação diplomática.

Em 1998, a LoSS, contrariando a tradição anglófona de se comunicar por *'boards'*, transferiu seu fórum principal para o E-groups (atual Yahoogroups), onde permanece até os dias de hoje:

http://br.groups.yahoo.com/group/loss/messages

Completando o processo, em dezembro de 1998, foi subscrita por quatorze micronações a Carta Constitutiva (Charter) da Liga dos Estados Secessionistas, que até os dias atuais é o mesmo, com algumas poucas modificações. Como toda organização micronacional é, na essência, sua constituição, a LoSS foi criada, de fato, apenas nesse dia 30 de

dezembro de 1998, sendo todos os anos anteriores um processo de maturação. Há que se discutir, ainda, se entre 1980 e 1995 houve *realmente* alguma continuidade da LoSS ou se Ben Madison simplesmente "*pegou emprestado*", muitos anos depois, o nome de uma antiga aliança de Talossa para reclamar maior antigüidade ao organismo. Em micronacionalismo, tem-se a (falsa) impressão de que antigüidade é posto, de que o que é antigo é venerável, possui um poder especial de verdade.

Irônico que no mesmo momento em que a LoSS se sedimentava, o Reino de Talossa, que deu o pontapé inicial, pediu exclusão dos quadros de membros, graças à política totalmente isolacionista (como vimos em aula anterior) instituída por Ben Madison em reação ao que ele chamou de "*contaminação do micronacionalismo*", devido ao boom da Internet.

O auge da atividade na LoSS ocorreu no ano 2000, no segundo mandato do coliciano Thomas Leys, famoso também por suas iniciativas com o MicroWorld (1998-99) e o MicroParliament. Contudo, a liga nunca escapou de ciclos de atividade/inatividade. Em verdade, a natureza cíclica parece inerente às organizações micronacionais bem sucedidas. Na maioria, na primeira onda de inatividade, o grupo morre. Com Fred Church (2001), da Democracia de Isonômia, a tradicional liga viveu outro período de boa atividade.

No presente, a LoSS segue suas atividades no fórum usual, mas as discussões, como é praxe nesses fóruns, estão bastante estéreis. Antigamente, nos anos de 2000 e 2001, pelo menos, havia grandes protagonistas do mundo micronacional, o que rendia debates mais ricos. O atual sítio da LoSS foi atualizado pela última vez em 2003, quando apresentava uma lista de 36 estados-membros de várias fonias.

No fundo, a LoSS nunca passou de um espaço comum de convivência, de conhecimento mútuo de micronacionalistas e micronações. Outro papel mencionável que a LoSS exerceu foi o de excluir desafetos e repercutir litígios entre as micronações, num esquema bolas brancas bolas pretas – digno de clubinhos afetados de golfe. Como todo novo ingresso depende da maioria simples de plenário, as micronações manobravam para impedir/permitir a entrada de novas.

As "*patrocinadoras*" angariavam capital político se eram bem sucedidas no intento. O boicote que Reunião conseguiu fazer contra Campos Bastos (posteriormente, foi admitida com o aval reunião) e o de Pasárgada contra Malê (nunca foi admitida) são clássicos no âmbito da Lusofonia, bem como o *lobby* reunião em autorizar a entrada da Rep. de Porto Claro, que coexiste naquela liga com o homônimo Estado de Porto Claro ("*Porto Aguiar*").

http://www.geocities.com/CapitolHill/5111/
(site oficial da LoSS, em 4 idiomas)

8.4. LIGA DAS MICRONAÇÕES. A LoM.

Se a LoSS teve seus primeiros passos em 1996, vindo a se concretizar plenamente em dezembro de 1998, a League of Micronations (LoM) é uma organização bem mais recente. Foi estabelecida em 20 de julho de 2000. Rapidamente, aprovou uma Carta Constitutiva, lançou fóruns próprios (um 'board' e uma lista no e-groups) e ofereceu seu primeiro sítio oficial:

http://lom.4t.com/ (1º site oficial)
http://p200.ezboard.com/blommainoffice (1º fórum - board)
http://groups.yahoo.com/group/leagueofmicronations/ (2º fórum - lista)

É curioso como os objetivos da LoM são muito parecidos com os da LoSS: "*interagir com cada um e fortalecer relacionamentos entre micronações em paz e existência comum (...) promover relações diplomáticas e prover um espaço onda todas micronações podem apoiar- se mutuamente*". Parece, muito, com uma entidade de integração e patrocínio da causa micronacional.

Os estados-membros da LoM criaram uma entidade interna voltada à cultura micronacional, a cultivar e proteger o patrimônio histórico-cultural do micronacionalismo, chamada LOMESCO. Além de rastrear e proteger sites antigos do mundo micronacional, através dessa instituição foram elaborados trabalhos teóricos de micropatriologia. Exemplo disso foi a definição aprovada para "*Guerra Micronacional*":

"*LOMESCO Definition for Micronational War: Term used to describe hacking, spamming, spying, amoung other actions, against another micronation, website, or forum of said micronation, without the permission, of either the said micronation or the service or company hosting the said micronation. Similar terms used could be terrorism, cybercrime, cyber terrorism, online conflict, online war, cyber spying, etc.*"

Outro projeto interessante era servir de depositório de tratados, chancelados nos arquivos da LoM e, portanto, que podiam ser invocados perante a Corte de Justiça do organismo, no caso de descumprimento por uma das micronações signatárias.

Entendo que a Liga das Micronações sempre foi uma liga mais "*soft*", mais desprendida que a LoSS. Mais aberta a novas adesões e recheada de micronações mais jovens, a LoM chegou a contar com 50 estados-membros no primeiro semestre de 2001. Grande parte das micronações que participavam da LoM tinham ressalvas à pecha "Secessionista" da outra, sem falar que nessa época a reputação do Reino de Talossa (inspiradora da LoSS) estava na berlina, inclusive com acusações de prática do nazi-fascismo por seu fundador. As micronações do Apollo Sector, por exemplo, aderiram em massa à liga, que se tornou notícia freqüente no principal jornal desse setor, o Apollo Fireball.

O ápice de atividade da LoM ocorreu em meados de 2001, no mandato do apolônio Matt Hanson (Lyrica), mais ou menos na mesma época do período áureo da LoSS liderada por Thomas Leys. O 11 de setembro de 2001 deu um golpe feroz contra a liga, aliás, contra todo o micronacionalismo anglófono baseado nos EUA. Há que se estudar, e pode ser o tema do Trabalho de Fim de Curso de algum de vocês, o efeito devastador do 11 de setembro sobre as micronações de "*sede*" americana. Tanto que, entre o fim de 2001 e setembro de 2002, o número de estados-membros caiu a um terço.

Em fim de 2002, a LoM entrou numa nova fase, construindo um novo website e um novo fórum de mensagens. Mas nunca recuperou a vibração do período áureo. No entanto, manteve uma atividade irregular em níveis razoáveis, dada a condição micronacional.

http://lom_site.tripod.com/ (sítio atual da LoM)
http://groups.yahoo.com/group/GeneralAssembly/ (3º fórum - lista)

Vale a pena conferir no sítio da LoM a *Resolução Anti-Paple*, proposta pela hispano-anglófona República de Eslo e por Pasárgada, aprovada em 2002 por 10-0-1 e publicada logo a seguir. Trata-se de uma das mais claras e importantes decisões intermicronacionais em favor do combate e erradicação do paplismo, com várias sanções às micronações que patrocinarem ou forem coniventes com a prática.

Se Pedro Aguiar foi o único secretário-geral lusófono da LoSS, em outubro de 1996, a LoM contou com dois lusófonos: este pasárgado que vos escreve, no primeiro semestre de 2003, e Igor MacCord, de Keltersprufl, em 2004.

8.5. ESPLÊNDIDA MICROUNIÃO DOS MICROESTADOS. A SPUM.

Já se nota pelo nome. A SPUM é mais alternativa e multicultural das ligas de micronações e, por isso mesmo, motivo de escárnio pelas micronações mais sérias, como as do Cinturão Corvínio. Peter Ravn chamava a SPUM de "*bug-org-of-bug-nations*". Cláudio de Castro também não poupava críticas à SPUM e seu fundador, Nicholas Bridgetwater, o que é curioso, porque aderiu Reunião a ela em 2002, logo depois de Campos Bastos (que tinha sido, na época, barrada vexaminosamente na LoM e na LoSS). De fato, o Micro-sindicato dos Microestados é notório por suas regras flexíveis de entrada.

Boa parte dos membros da SPUM foram one-man-nations. Outra parte era de micronações-exóticas, ou "*micro-hazards*". Entre elas, podemos achar a República Paralela Gay, que se diz representante de todos os homossexuais masculinos do mundo. Seu porta-voz fala (pelo menos) cinco línguas e não hesita em defender a causa gay, chegando às raias da hetero-fobia. Mas também o Estado do Urso Livre, o Império Aérico (cuja bandeira tem um rotundo "*smile*"), Amerada (mistura de América e Canadá, que concede a cidadania e conta como seu cidadão qualquer um que acessar o site, querendo ou não o distinto privilégio) e Madland (auto-explicativo).

Enquanto a quase totalidade dos estados-membros da LoSS e da LoM é lusófona ou anglófona, na SPUM encontram-se francófonos (Nova Terra, Nautica), polacófonos (Dreamland, Leblandia, Free Club) e até um italianófono (Salsealand, micronação sucessora da tradicional Nuova Etruria). Dentre as lusófonas, Pasárgada foi a primeira a aderir, em 2001, seguida por Campos Bastos, Orange, Babylon 5, Sofia, Alto-Reino e Reunião.

A SPUM nunca foi boa em termos de infra-estrutura. Mantém sites descuidados, cheios de 'broken links', com pouca informação, sendo preciso vasculhar os históricos do fórum para se entender melhor sua atividade.

http://members.tripod.com/~Klausjames/spum.html
(sítio original, em 7 idiomas)

http://www.freewebs.com/spum/ (sítio alternativo)
http://groups.yahoo.com/group/spum (lista)

8.6. CONCLUSÃO.

Poderia ficar aqui escrevendo páginas sobre as demais ligas intermicronacionais da anglofonia, porque realmente são muitas e uma pesquisa pode encontrar toneladas de informação em 'boards' e 'sites'. Por isso, como nosso curso é tão somente para dar uma visão de conjunto do micronacionalismo, não serão tratadas mais organizações intermicronacionais da Anglofonia. Já citamos, pelo menos, duas delas em aulas passadas: o CoP - Comity of Peoples, na aula do Cinturão Corvínio, e a AoP - Assembly of Peoples, na aula e palestra do Apollo/Micras Sector. Quem tiver mais tempo, vale a pena dar uma passada no site da mais recente CoM - Commonwealth of Micronations, fundada por Malê, Sofia, Sayed, Kelterspruf e Nova Esparta, em março de 2002:

http://microcom.fateback.com/

Quando se fala em organização micronacional é preciso ser pessimista. Poucas, dentre inúmeras iniciativas, foram bem sucedidas e, mesmo estas, só conseguiram manter uma atividade vacilante, com poucos ou nenhum projeto consistente e uma alta rotatividade de estados-membros.

Todavia, quando funciona, a liga intermicronacional torna-se importante referência de identidade para os participantes, especialmente quando vinculada a uma proposta particular ou modo de ser de micronacionalismo. Pois se tentar ser muito universal, tende a acabar como YAMO. É possível que a solução ótima seja procurar não a generalidade, mas a especifidade, e entender as organizações como blocos, como supra-micronações que sirvam de representantes de um determinado setor do mundo micronacional. Assim, quem sabe, num futuro distante, cada uma dessas organizações possa indicar um representante e, aí sim, numa segunda camada, fazer um organismo universal da consciência micronacional.

9ª AULA

QUINTO MUNDO

"I am reminded of the scripture where God says to Jeremiah "and I will make you a God in their eyes." And so in the eyes of humankind, from a legal/rights perspective, we are "Gods", even if we only believe in one God, a pantheon of Gods, or no God at all." --- William R. Collier Jr., Vice-Rei da América do Norte e da Região Islândica do Império de Pacífica (quintomundista, não confundir com a Pacífica lusófona).

Nas últimas quatro aulas, visitamos diferentes setores do mundo micronacional anglófono. Viajamos desde as isolacionistas concretistas, como Sealand e Hutt River, até o modelista e conturbado Apollo/Micras, de Attera, Babkha e Shireroth, passando pelas inúmeras ligas intermicronacionais (as YAMOs) e pelo auto-enaltecedor Cinturão Corvínio. Após cada uma das paradas, tomamos contato com a heterogeneidade do micronacionalismo anglo, a existência de múltiplos eixos de convivência, ao redor dos quais gravitam micronações e micronacionalistas. Uma pluralidade de modos de ser, de "linguagens" micronacionais, ainda que praticados na mesma língua franca, o inglês, que, aliás, igualmente se pauta pela multiplicidade.

Nesta ocasião, nossa 9ª aula, após três meses de curso vamos adentrar num quinto setor que, pelas convenções (antigas) da Lusofonia, seria classificado de Anglofonia. Na visão míope em vigência, qualquer micronacionalismo diferente dos pressupostos praticados pelos lusófonos, em língua inglesa, tende a ser visto como "Anglofonia" - definição "guarda-chuva", gerando uma amálgama de desconhecido que não tem, propriamente, caracteres essenciais.

Em contrapartida, o setor em pauta, o "*Fifth world*" ou "*quintomondo*", é formado por micronações de base "*macronacional*" na Itália e nos EUA, oferecendo versões do site em inglês e italiano, sem que uma das duas seja mais relevante. Trata-se de um setor bastante desconhecido do micronacionalista lusófono, bastante "*anormal*" aos olhos da ótica restrita, bairrista, que nos contamina. Sua história é relativamente recente: surgiram na Internet em meados de 2002, através do MSN.

9.1. INTRODUÇÃO.

Diferentemente de outros territórios do mundo micronacional, o "Quintomondo" possui um eixo de convivência perfeitamente delineado, que é um longo manifesto filosófico moldando um modo de ser peculiar de fazer micronacionalismo. Um fenômeno realmente diferenciado. Ao invés da formação espontânea de centro de gravidade, o 'Quinto Mundo' primeiro estabeleceu esse núcleo ideológico, para então se desenvolverem micronações inspiradas na proposta.

A nomenclatura utilizada revela a inspiração para a gênese do grupo. De acordo com o site oficial, a Itália é um exemplo de estado-nação do Primeiro Mundo, a Argentina do Segundo Mundo e a Etiópia do Terceiro Mundo. Este é o "Mundo Oficial", com assento à ONU (www.un.org) como totalmente reconhecido; são as nações que encontramos nos livros de geografia da escola, as "macronações" no jargão luso-micronacional. A classificação se dá, portanto, segundo o índice de desenvolvimento humano: países desenvolvidos na primeira camada, em desenvolvimento na segunda e subdesenvolvidos na terceira. Nada de novo, até aqui.

O manifesto prossegue classificando nações não plenamente reconhecidas no âmbito internacional como pertencentes ao Quarto Mundo, incluindo, neste espaço, como exemplos, a Palestina e o Tibete. Este é o "Mundo Quase-Oficial", que apresenta alguma forma de reconhecimento: governos no exílio, nações sem território físico, entidades anômalas (ex.: Ordem de Malta), colônias e departamentos ultramarinos em processo de emancipação. Ao invés da ONU, a principal voz do Quarto Mundo se dá pela Organização dos Povos e Nações Não-Reconhecidos / Unrepresented Nations and Peoples Organisation, que é o grau imediatamente inferior ao da ONU, em matéria de seriedade quanto ao reconhecimento pela comunidade internacional: http://www.unpo.org/

Conforme o manifesto quintomundista, o Quinto Mundo / Fifth World é composto, em conclusão à escala, pelas que "superficialmente se parecem com micronações da Internet, mas que são muito mais sérias, usualmente oferecendo algum tipo de serviço para seus cidadãos". Ou seja, o grupo proclama a dissociação das "micronações da Internet", com um diferencial a mais em termos de seriedade, justificando entrar na classificação paralela ao primeiro, segundo, terceiro e quarto Mundos. É o "Mundo Não-Oficial". É formado não apenas por nações baseadas na Internet, mas tribos,

comunidades, grupos culturais e qualquer coletividade humana com a "vontade de autonomia" (uma forma de vontade de poder) da ordem instituída.

9.2. A RECUSA DA PECHA DE MICRONAÇÃO.

Em aula anterior, já havíamos reparado como no Cinturão Corvínio e nas micronações isolacionistas, persiste um forte preconceito contra o termo "micronação". A própria Talossa de Ben Madison, uma das primeiras micronações da Internet, origem e expressão máxima do país-modelismo, recusa-se a ser tratada como micronação. Micronação e micronacionalismo, nestes campos, são termos demeritórios, associados à baixa seriedade dos micronacionalistas, isto é, a um alto grau de virtualismos, personificações, instabilidade e caricaturizações, bem como à baixa faixa etária.

O Quinto Mundo não é diferente. Intitulando-se "experimento sério", seus porta-vozes vêem as "micronações" num prisma nada engrandecedor: "são grupos informais cujo objetivo primário é o de interpretar o papel de Rei, Rainha, Presidente ou Diplomata (...) são usualmente iniciadas por jovens, alguns dos quais nem chegaram à puberdade". Não obstante, noutro trecho, a leitura dos quintomundistas é bastante realista: "[as micronações] usualmente evoluem de uma única pessoa, uma pessoa deveras excêntrica, e cresce diretamente por meio dessa pessoa excêntrica" e "a maior parte dessas micronações é formada por garotos (boys)".

Para os idealizadores do Quinto Mondo, a diferença está no fato de que "os [seus] sonhos de independência, secessão e evolução social se originam de adultos totalmente amadurecidos". A evolução de uma micronação para um grupo do Quinto Mundo, um "fifthworlder", pode ocorrer, porém, em geral, a micronação já nasceria quintomundista, com uma proposta bem embasada e internamente consistente, ao invés do passatempismo das menos sérias.

9.3. CONSIGLIO DEL QUINTO MONDO

No cinturão corvínio, acompanhamos como o Comitê dos Povos (CoP) serviu de cimentador da identidade coletiva dessa fonia/setor. No Sector Apollo, mostramos a Assembléia de Micronações (AoM) historicamente ocupar o mesmo papel. No Quinto Mundo, a representação oficial de seus interesses se dá pelo Conselho do Quinto Mundo / Fifth World Council (5WC) / Consiglio del Quinto Mondo, com o objetivo de "promover o Quinto Mundo e seus padrões e filosofias pelo mundo", um irradiador dessa proposta micronacional.

Se no cinturão corvínio emergiu a liderança de Peter Ravn Rasmussen e no Apollo Sector a influência arrebatadora de Scott Siskind, no Quinto Mondo o indiscutível guru é o italiano *Cesidio Tallini*, que sempre-presente em 'boards' e outros fóruns das micronações associadas, além de ser o presidente do 5WC.

O Conselho do Quinto Mundo, ativo em 2005, provê uma série de serviços a todos os grupos, associações, clãs, famílias e movimentos interessados, como se pode verificar na Declaração da Missão do 5WC: http://groups.msn.com/FifthWorld/missionstatement.msnw

9.4. PARADIGMA QUINTOMUNDISTA.

Todo o setor afirma rejeitar, expressamente, a) a Convenção de Montevideo de 1933, b) o Tratado sobre o Espaço Sideral de 1969, c) o Tratado Antártico e a d) Convenção sobre a Lei do Mar; quatro tratados multilaterais da Organização das Nações Unidas. Considerando imposição da ordem capitalista de estados-nações, o "Fifth World" faz uma desconstrução dos conceitos de território, soberania e estado, afirmando que se trata de ideologia liberal-nacionalista para dominar e monopolizar o poder sobre a raça humana, incoerente com o mundo de informação e a crescente fração digital-virtual da vida de cada ser humano, cada vez mais imerso na Internet e sua dinâmica desterritorializada.

Em especial, o setor contesta a Convenção de Montevideo de 1933 (http://www.angelfire.com/nv/micronations/montevideo.html), tratado que define os requisitos para o reconhecimento geral de um estado-nação. Para os ideólogos do 5W, a convenção vende uma ideologia alienante e dogmática, estabelecendo como verdade absoluta de que o estado precisa de povo, território e soberania para existir e ser reconhecido pelos demais, em ser aceito na ordem mundial, como se fosse um "conteúdo natural" do Estado: naturalização de uma convenção movida por interesses subterrâneos. Para os quintomundistas, a Conveção de 1933, de Montevidéo, atenta à Declaração Universal dos Direitos do Homem, sendo imposta à humanidade por meio da violência e da espoliação, transformando "direitos de propriedade" (outro conceito construído) pelos "privilégios da propriedade", negando a capacidade de coletividades humanas de auto-organização e autogestão.

Para os "fifthworlders", o conceito territorial a ser adotado não é mais baseado na ocupação de terra, que seria reminiscência do passado medieval, mas baseado no mundo da informação, isto é, nas multiplicidades da Internet. A Internet enquanto instrumento de libertação da humanidade do jugo da propriedade e do estado.

É interessante notar que as aspirações do Quinto Mundo não incluem se tornar parte do Quarto Mundo, não é ascender na hierarquia estatal-nacional para, em última instância, obter o reconhecimento da ONU ou da UNPO. Se Sealand, Hutt River, TorHavn e outras aspiram ao reconhecimento geral, sendo por isso entedidas como "Statehood", os fifthworlderes simplesmente não querem "jogar o jogo" do establishment. Ao contrário, o norte maior se pauta por uma tentativa de radicalmente mudar as premissas da ordem internacional, romper os pressupostos. Enquanto o Quarto Mundo é composto por grupos que querem ser oficialmente reconhecidos ("Official World wannabes"), o Quinto Mundo se propõe a fundar uma *Nova Ordem Mundial.*

Essa Nova Ordem Mundial, rompendo com o paradigma nacionalista-estatal, não será encabeçada pelo complexo militar-industrial e/ou pelo capital financeiro global, como profetizam os arautos da globalização, mas pelo esquema familiar-tribal fundado na Internet, o qual o Quinto Mundo é apenas a primeira e incipiente manifestação, num processo que, uma vez iniciado, culminará na ruptura da ordem vigente. Tribalisação, multiculturalismo e desterritorialização são conceitos-chave da filosofia quintomundista.

Neste espírito, o guru Tallini endossou os Quatorze Mandamentos do "Governo Perfeito": http://www.zyworld.com/tallini/info/Commandments.htm

A realização da nova ordem mundial ocorrerá pela derrubada da lógica dos estados-nações (reparem: não dos estados em si, mas da lógica imanente), derivada da idéia de cidades-estados, de "civilização". Ao invés disto, o caminho do futuro é a TRIBALISAÇÃO, relacionada com a família-estado, resgatando o passado humano antes da formação das pólis, o início da corrupção da propriedade privada. Num grande manifesto anti-capitalista, anti-estatal e anti-fascista, Tallini propõe-se a instaurar uma coletividade familiar democrática, autárquica e autêntica:
http://www.zyworld.com/tallini/info/tribalisation.htm

9.5. TERRITÓRIO.

Os fifthworlders não se utilizam nem do sistema de lista do Yahoo ou equivalentes, nem do Ezboard. É o primeiro grupo a fundar a convivência através do MSN, integrando simultaneamente os sites das micronações e os murais de discussão. O complexo de infra-estrutura é expressivo, composto por diversas redes "IPv4".

9.6. E O SEXTO MUNDO?

O florescimento do Quinto Mundo em 2002 fez com que micropatriólogos cogitassem sobre a existência de um Sexto e até de um Sétimo Mundo, preenchidos pelas micronações "menos sérias" que as do Quinto Mundo e muito menos que as do Quarto Mundo, em que se incluiriam Sealand, Hutt River etc. A classificação é alternativa à corvínia-rassmusseana (Statehood, Nationhood etc) e à micropatriologia lusófono-tradicional (modelismo, derivatismo etc).

Para o micropatriólogo Steve Foong, do Micras Sector, o Sexto Mundo é composto por "micronações que não são nem secessionistas nem role-playing, situando-se em algum lugar no meio em termos de seriedade". Menos sérias seriam as de Sétimo Mundo: "lowlifes e seventh elements".

A teorização aparece na 47ª edição do Apollo Skyline, de 22/10/2002, que pode ser lido em: http://www.geocities.com/apolloskyline/issue47.html (Artigo: "*Babkha Turns In More Serious Direction*")

9.7. LINKS

1. [HOT] Jus cerebri electronici. Doutrina do "Novo Direito" praticado no 5W, em substituição à civil law, à common law e ao direito constitucional em geral, adaptado à idéia de território na Internet e autarquia da tribalisação.
http://groups.msn.com/FifthWorld/juscerebrielectronici.msnw

2. [HOT] Portal do Fifth World (no sistema MSN). http://groups.msn.com/FifthWorld

3. [HOT] The Tallini Family (Família Tallini). Autointitula-se nação e microestado, com um complexo de sites na Internet, base micronacional do principal promotor do 5W, Cesidio Tallini. http://www.angelfire.com/nv/micronations/ttf.html

http://groups.msn.com/FifthWorld/missionstatement.msnw

4. Reino de Bucksfan. http://bucksfan.5world.net

5. Sociedade da Terra. http://earthsociety.5world.net

6. Governo de Nova Zion. http://newzion.5world.net

7. Biblioteca do 5W. http://library.5world.net

8. Loja do 5W. http://shop.5world.net

9. Cyberterra news. http://groups.msn.com/FifthWorld/5wianews.msnw

9.8. CONCLUSÃO

O Quinto Mundo está na antípoda do Apollo Sector, do Micras Sector, de Talossa e de boa parte da Lusofonia. Enquanto estes setores micronacionais são simulacionistas, buscam "simular" as "macronações", repetir suas instituições e estruturas, criar uma simulação política e internacional, o Fifth World declara-se abertamente anti-simulacionista. O Quinto Mundo é muito mais do que simplesmente realista (a-simulacionismo, a-modelismo), que entende a micronação como realidade social e humana, rejeitando a definição de simulação, como Pasárgada, Pacífica ou Corvínia.

Os quintomundistas são anti-simulacionistas, na medida em que rejeitam que a micronação deva repetir as instituições "macronacionais" (modelistas) ou, repetindo-as, quiçá alcançar o mesmo status das "macronações" (concretistas). Para eles, o importante é desconstruir as instituições "macronacionais", criar um modo de ser absolutamente de ruptura, diferente, reverter o sentido da história, restaurando a tribalisação e a desterritorialização.

A maior contribuição do Fifth World é sua filosofia, original, desconstrutiva e marcada pela vontade de autonomia. É o fenômeno micronacional revelando sua potencialidade como ruptura do establishment. Talvez muito ousada, revolucionária, talvez muito romântica e ineficaz, mas é só talvez...

10ª AULA

AS CLASSIFICAÇÕES

Nas últimas nove aulas, além de nos introduzirmos na micropatriologia e seus riscos, tais como o mito e a alienação, visitamos boa parte das anglofonias e revisitamos a Lusofonia, numa trajetória panorâmica sobre o mundo micronacional. O curso natural seria, agora, passarmos às demais fonias, não tão diversificadas e plurais como o mundo anglófono, mas nem por isso menos ricas e interessantes. Pois além da Lusofonia e das muitas anglofonias, desde a aliança entre Internet e prática micronacional, constituiram-se, claramente, mais 3 fonias: Germanofonia, Francofonia e Polacofonia. Ou seja, grupos de icronações de mesma língua que desenvolveram um *estar-no-mundo* supra-nacional, uma identidade cultural transcendendo o mero sentimento de micronacionalidade, assentando, portanto, um eixo comum de convivência, de interação histórica, de acordo com nosso conceito de fonia.

Contudo, não prosseguiremos, neste momento, nas demais fonias. Deixaremos para mais adiante no curso. Nesta aula, vamos interromper a viagem panorâmica para buscar apreender ensinamentos da multiplicidade que tomamos contato. Chegou a hora de buscar abstrair das muitas micronações visitadas alguns aspectos em comum, em voltar nossa atenção para os grandes grupos de *modos de ser* das micronações. Vocês vão reparar como a formação das fonias consolida os modos de ser, porém, também se perceberá que há micronações que nunca tiveram qualquer contato, direto ou indireto, que não obstante praticaram o mesmo gênero de micronacionalismo.

10.1 O QUE É CLASSIFICAR?

A classificação baseia-se na apreensão de elementos comuns, distinguindo o essencial do acidental, com vista a ascender dos indivíduos às espécies e destas aos gêneros. Toda classificação insere-se num sistema geral de idéias, que prioriza ou não determinado critério. Este critério é o divisor: a distinção que coloca cada ente numa ou noutra classe.

Segundo Aristóteles, há substâncias primeiras e substâncias segundas. As primeiras são os indivíduos: Pedro, Raphael, Filipe. As segundas são as espécies e os gêneros, constituídas de indivíduos agrupados segundo um critério essencial. Exemplos. Critério nacionalidade: pasárgado, açoriano, valtar. Critério profissão: médico, engenheiro, analista de sistemas, operário, agricultor; gêneros: profissional do setor primário, secundário, terciário. Um clássico de classificação é a zoológica: canis lupus (espécie: lupus, gênero: canis), homo sapiens etc.

Uma das discussões mais interessantes em filosofia é se os gêneros e espécies, as "substâncias segundas" de Aristóteles, são coisas reais ou "meras" abstrações. É o famoso problema dos << universais >>

10.2. POR QUE CLASSIFICAR?

A classificação é um dos recursos mais importantes da ciência e da filosofia. Fazendo sucessivas distinções e agrupamentos, é possível construir uma visão de mundo coerente e orientada segundo critérios. Ao classificar os fenômenos físicos em mecânica, ótica, ondulatória, eletricidade etc, podemos estudar cada caso específico segundo suas regras próprias, sua dinâmica particular, permitindo um entendimento mais profundo sobre cada qual. Da mesma forma, se a ciência política, por hipótese, classifica regimes políticos como democráticos, oligárquicos e aristocráticos, é porque vê neles distinções essenciais que permitem uma maior compreensão do assunto "regime político".

Há que se obsevar, ainda, que é possível aplicar sobre o mesmo tema mais de um critério de classificação, gerando sistemas multidimensionais. Remontando mais uma vez a Aristóteles, na sua "Política" ele classificava os regimes tanto em relação ao número de governantes (democracia, aristocracia, autocracia), quanto ao tipo de interesse envolvido, se voltado a todos ou a quem governa (demagogia x democracia, oligarquia x aristocracia, tirania x autocracia).

Vale lembrar, outrossim, que quando classificamos não estamos cisalhando arbitrariamente a realidade. Há uma brutal diferença entre *distinguir* e *separar*. Quando se classifica, se distingüe atributos, mas em nada se pode supor que passam ser coisas totalmente diferentes, separadas. No fundo, o gênero maior é o próprio Ser, ou seja, aquilo que está em todas as coisas e que as faz existirem, que é o ente de infinita extensão e infinitesimal compreensão.

Em geral, toda classificação pressupõe uma teoria ou um conjunto de teorias que a orientam. A classificação zoológica, por exemplo, presume a teoria de Charles Darwin, haja vista que os filos, classes, ordens, famílias e gêneros são

estabelecidos em função da proximidade na escala evolutiva, isto é, em como os primeiros seres foram evoluindo em diferentes direções, constituindo grupos e subgrupos.

10.3. EXTENSÃO E COMPREENSÃO.

Trata-se de dois conceitos lógicos indispensáveis se vamos adentrar no campo das classificações. A extensão é o quão abrangente determinada classificação alcança. A compreensão é o quão informativa é a classificação. O indivíduo, como ser único e cheio de caracteres acidentais, é um ente de máxima compreensão, mas mínima extensão. A espécie, por sua vez, tem médias compreensão e extensão. O gênero, por fim, tem pequena compreensão, mas grande extensão.

Exemplo. Pedro, um ser singular, implica numa quantidade enorme de informações referentes a toda sua existência, de forma que a compreensão quando dizemos Pedro é máxima. Contudo, a extensão é mínima, os predicados atribuídos a Pedro são referentes *tão-somente* a ele. A espécie "*pasárgado*" implica, ao contrário, uma extensão maior, pois abrange todos os pasárgados, porém, uma compreensão menor, visto que só estão incluídos aqui os atributos essenciais (necessários) de ser pasárgado. Se passarmos ao gênero "*micronacionalista*", no entanto, a extensão é maior, haja vista que inclui todos que praticam o micronacionalismo, mas a compreensão torna-se ainda menor, até mesmo problemática, pois não é fácil descobrir a essência presente em todos simultaneamente por serem micronacionalistas.

10.4. CLASSIFICAÇÕES BOAS E RUINS.

As classificações que prestam são aquelas em que é feita uma transição gradual de mínima à máxima extensão e ao mesmo tempo de máxima à mínima compreensão (ou vice-versa). Deve ser capaz de, paulatinamente, ir abrangendo mais e mais indivíduos, enquanto permite uma compreensão progressivamente menor. Desta forma, é possível obter uma visão de conjunto, um sistema coordenado para explicar determinada realidade.

Uma classificação ruim é a que não diz muita coisa, porque não articulou bem os conceitos de compreensão e extensão. Exemplo. Classificar as micronações em função do nome do domínio: .org, .net, .com etc. Não nos fala muito sobre o micronacionalismo; não é uma classificação que busca a compreensão e extensão do fenômeno micronacional.

É exigência de uma classificação boa, ainda, a definição precisa, clara e inequívoca do *critério*, isto é, daquilo que é utilizado para distingüir os entes numa ou noutra espécie ou gênero. A adoção de um critério é fundamental. Por exemplo, quando os astrônomos da antigüidade classificaram os astros em estrelas e planetas, tomaram como critério a trajetória dos mesmos no céu. Os entes fixos no firmamento foram classificados como estrelas, enquanto os móveis, "errantes", foram chamados de planetas. Na astrofísica moderna, a classificação toma como base a geração ou não de energia, em função da idade e dinâmica energética, e aí apareceram espécies de estrelas: anãs marrons, gigantes vermelhas, novas, super-novas, pulsares, buracos negros etc.

10.5. CLASSIFICAÇÕES MICRONACIONAIS.

As classificações ocupam fração considerável da micropatriologia. Praticamente todos que se embrenharam em fazer micropatriologia arriscaram sistemas e critérios de classificação das micronações. Mais raras são tentativas de classificar o micronacionalista em si, ou o micronacionalismo enquanto fenômeno social, cultural ou político. De toda sorte, é comum ouvirmos, no dia a dia lusófono, expressões como "modelista", "peculiarista", "realista", sem sabermos muito bem sobre o que, exatamente, estamos falando.

Sem a devida formação micropatriológica, tendemos a assumilar as classificações simplesmente pela semântica das palavras. Associamos "modelismo", por exemplo, a "país-modelismo"; ou talvez à "modelagem" de sociedade. De "peculiarismo", deduzimos que se trata de micronações com fortes peculiaridades. E assim por diante. Todavia, passa longe da análise a noção de *critério*. Enfim, qual o critério utilizado para distingüir uma micronação "virtualista" de outra não-virtualista? Ou o micronacionalismo virtualista de um não virtualista?

Além disso, é preciso ter em mente que as classificações micronacionais nunca são "naturais"; não existe um esquema universal, uma panacéia capaz de explicar definitivamente o micronacionalismo. Em verdade, há tão-somente classificações parciais, na medida em que destacam determinado aspecto da realidade micronacional. Serão boas ou ruins se conseguirem abarcar a extensão e compreensão do micronacionalismo em seus diversos níveis.

Portanto, cada vez que tomarmos contato com uma classificação micronacional, faz-se necessário questionar: qual o critério que está por trás dessa classificação? Qual o divisor de água? Qual é a teoria subjacente a essa visada - sempre

parcial - da realidade micronacional? O que o sistema de classificação privilegia? De maneira que se quisermos construir nossa própria classificação, o primeiro passo é definir uma teoria de sustentação e o segundo abstrair um critério que alie extensão e compreensão.

10.6. A CLASSIFICAÇÃO GINTNERIANA.

O primeiro estudo de caso que analisaremos é a classificação proposta pelo micropatriológo Luiz J. Gintner, 61 anos, autor do meritório e pacientíssimo "Em Busca de Liliput" (Ed. Litteris, 1997 - 2 edições) e vencedor de prêmios literários, como vimos na primeira aula deste curso.

São as categorias abstraídas pela micropatriologia de Luiz Gintner:

1. INDEPENDENTES E RECONHECIDOS. Micronações que obtiveram reconhecimento da comunidade internacional, dotados de personalidade jurídica reconhecida. Mais ou menos como na classificação da ONU, que lista micronações como nações com menos de 2 milhõs de habitantes. Ex.: Andorra, Liechtenstein, Mônaco, Barbados, Nauru.

2. SEMI-INDEPENDENTES. Micronações com nítida autonomia sobre o território, mas se subordinam à jurisdição das metrópoles. São os hipossuficientes. Ex.: Ilha de Man, Jersey, Guernsey, Mustang, Aruba, Ilhas Cook. Apesar de Gintner colocar Mônaco na primeira classe, caberia melhor aqui.

3. DEPENDENTES. Micronações com autonomia, subordinadas à jurisdição da metrópole ou de outro estado. São os protetorados, departamentos ultramarinos, vice-reinos, repúblicas tuteladas. Ex.: Cayman, Gibraltar. O Iraque, presentemente, também se enquadraria aqui, *se* fosse micronação (mas é nação).

4. ENCLAVES OU EXCLAVES. Comunidades micronacionais imersas em território de outra nação. Ex.: Llivia (encrave espanhol de 13 km2 nos Pirineus), Jungholz (encrave alemão na Suíça), Samaun. http://home.no.net/enklaver/llivia.htm http://www.jungholz.com/index.shtml

5. TERRITÓRIOS INDÍGENAS. Micronações remanescentes de povos antigos, com culturas preservadas, que tiveram reconhecidos direitos especiais, como proteção cultural e reserva territorial. Ex.: Salibia, Isleta, Ilhas de San Blas.

6. ANTIGOS OU EFÊMEROS. Micronações que duraram muito pouco tempo ou que pertencem à Antigüidade Clássica. Ex.: Genebra Calvinista, Principado de Elba, Confederação do Equador, Canudos, República Farroupinha, ou as pólis gregas.

7. ESPECULATIVOS. Micronações que temos abordado mais detidamente desde o início do curso, que reclamam independência, mas não são reconhecidas. Ex.: Sealand, Atlantium, Oceana, Minerva do Sul. http://www.starshipaurora.com/minervaintro.html

8. LENDÁRIOS, MITOLÓGICOS E FANTASIOSOS. Auto-explicativo. Resta saber se Gintner colocaria aqui o virtualismo. Parece que não, pelos exemplos fornecidos: Liliput, Utopia (Thomas Morus).

9. MICROPATRIOLOGIA DO FUTURO. Classificação bastante obscura. Estariam nesta categoria: "Jerusalém, como uma eventual cidade independente, uma espécie de "Vaticano"; e o ressurgimento de antigos principados, como o de Seborga, Bidache e outros, sem mencionar as possíveis futuras plataformas espaciais e até as grandes bolhas habitáveis no fundo do mar".

Uma crítica rápida à classificação gintneriana mostra diversas falhas. Em primeiro lugar, o critério classificar começa sendo o "grau de independência", isto é, a capacidade de auto-vinculação da comunidade em relação aos estados-nações consolidados. Neste prisma, fazem sentido as categorias de 1 a 3. Mas a problemática já começa com 4, visto que os enclaves não tem autonomia alguma própria, pois se são isolados territorialmente, não o são jurídica, política e culturalmente, no atual mundo de comunicação e transporte facilitados. Talvez 5 pudesse ser embutido em 3.

A confusão começa mesmo quando prosseguimos com 6: efêmeros ou antigos. Primeiro por misturar duas coisas que não parecem ter elementos essenciais conjuntos, deixando confuso o fator "compreensão". Em segundo, por permitir a dupla-classificação, no mesmo espectro, de micronações, digamos, 2 e 6. Igual confusão fica nas categorias 7 e 8: não seriam os especulativos justamente aqueles que vão um pouco *além* da especulação, como Pasárgada ou Corvínia, deixando de ser fantasia?

Tampouco faz sentido o item 9, que peca claramente pela imprecisão completa tanto da extensão quanto da compreensão da categoria. Parece um X-tudo em que você deposita tudo que não se enquadrou nas outras categorias: uma opção "nenhuma das anteriores".

Se Gintner foi feliz em apreender mais de 100 micronações totalmente distintas do mundo micronacional e seu livro, de fato, é a melhor obra micropatriológica em língua portuguesa, de outro lado foi muito infeliz quando tentou elaborar um sistema geral de micronacionalismo. Este primeiro exemplo de classificação nos mostra como NÃO fazer as abstrações de classificação, para formular um critério compreensivo e abrangente.

Na próxima aula, seguiremos no mesmo tema, apresentando as classificações de Steve Foong (bidimensional), da Wikipedia, de Peter Rasmussen e da Lusofonia (aguiariana-claudiana). Não pretendo apresentar, por motivos óbvios, a minha classificação tridimensional, consolidada no glossário INPAM.

11ª AULA

AS CLASSIFICAÇÕES (2)

11.1. O PROBLEMA DAS CLASSIFICAÇÕES MICRONACIONAIS.

Problematizando o ato de classificar, nota-se que um erro clássico é limitar o horizonte de micronações ao mais conhecido do micronacionalista que classifica. Tomando-se como centro do universo micronacional, ocorre de nos definirmos como o núcleo essencial do micronacionalismo, ficando as demais micronações classificadas em função da proximidade ou distância com relação a nossa posição "privilegiada". Desta forma, micronações distantes podem nem mesmo se enquadrar em uma das classificações ou mesmo serem consideradas por demais estranhas para a definição do (nosso) micronacionalismo. Isto é, o que nos é estranho, consideramos como outro mundo, "bem diferente" do micronacionalismo "de verdade".

Esta postura conduz ao autocentrismo: entende-se a si mesmo, ou a própria micronação, como o micronacionalismo essencial, o mais estrito possível, e a partir daí vai-se ampliando o sentido de micronacionalismo para ir abarcando, sucessivamente, as micronações menos conhecidas ou mais diferentes. Até o ponto de se chegar a um limite teórico de distanciamento de si mesmo em que, a partir daí, a micronação é vista como não-micronação, algo extrínseco ao micronacionalismo.

Outro erro é tratar micronacionalismo como termo equívoco. Isto é, como se "micronacionalismo" significasse várias coisas diferentes e incomunicáveis. Um exemplo de palavra equívoca é "xadrez", que significa tanto cadeia, prisão, carceragem, quanto o jogo de tabuleiro de 64 casas, brancas e negras, com 16 peças cada que se dividem em rei, dama, bispos, cavalos, torres e peões.

É claro que micronacionalismo tampouco é termo unívoco, como, digamos, tamanduá, que quer dizer uma e apenas uma coisa. Mas existe um terceiro, um tertius gens, que é o termo *analógico*. O termo analógico nem é unívoco, nem equívoco. Nele, há mais de um significado, mas todos remetem a uma essência primordial, a uma origem epistemológica comum. Um exemplo clássico é a palavra 'Direito', que quer dizer desde direitos individuais até a própria lei, passando por justiça, ordem jurídica, imposição da classe dominante, expressão da vontade dos mais fracos etc, dependendo de quem você consultar. Contudo, todas elas remetem à mesma definição essencial, que agrupa todas as demais. Por mais que seja difícil - para não dizer impossível - apreender essa significação primitiva, não há como discutir que são termos totalmente separados. É a diferença entre distingüir e separar. Outros exemplos de termos analógicos seriam: veículo, igualdade, liberdade, ciência, sociedade e, eu defendo, *micronacionalismo*..

O que quero dizer com isso é que se há muitos micronacionalismos, muitos modos de ser, uma pluralidade vertiginosa de micronações - mesmo que recusem ser chamadas assim - isto não significa que não exista um micronacionalismo do qual emanem os micronacionalismos, um mundo micronacional que, na sua particular extensão e compreensão, consigam englobar todas micronações existentes. Análogos ao problema da definição de micronacionalismo, estão os de mundo micronacional, micronação e prática micronacional, que daquele derivam. Em verdade, trata-se do mesmo todo teórico, de um sistema de interpretação e compreensão do fenômeno micronacional.

Essa compreensão do que seja micronacionalismo, seus caracteres essenciais e suas formas de manifestação integram qualquer classificação que se pretenda minimamente consistente.

11.2. O PROBLEMA DA BASE EMPÍRICA PARA AS CLASSIFICAÇÕES.

Quando se pretende classificar as micronações e modos de ser, é imprescindível dispor de um espaço amostral do qual se abstraem os elementos em comum e as diferenças específicas. É da experiência micronacional, do conhecimento de múltiplas vias, que se pode pretender distingüir e agregar em gêneros, espécies e individuações. Se você só conhece Pasárgada e Reunião, vai conseguir uma classificação que ponha uma numa categoria e a outra noutra, ou no máximo vai supor espécies de micronação próximas destes dois exemplos. Terá, certamente, uma visão e uma expectativa muito pobre sobre os potenciais e fronteiras do mundo micronacional.

Quanto mais micronações e modos de ser vamos tomando contato, mais caracteres poderão ser destacados e mais rica será a classificação. No entanto, conforme a extensão do micronacional vai crescendo, decai sua compreensão, fazendo com que as classificações tornem-se progressivamente mais difíceis. Se levarmos em conta que na virada do século passado para este o mundo micronacional cresceu fantasticamente, em quantidade e diversidade, pode-se concluir que as classificações estão ficando cada vez mais desafiadoras, se temos em mente uma classificação micropatriológica, que possa explicar o micronacionalismo enquanto fenômeno.

Ao abordarmos as diversas classificações existentes, repararemos como cada micropatriólogo vê o mundo micronacional de uma forma diferente, não apenas porque tem seus próprios pressupostos, expectativas e objetivos, mas também porque observa *diferentes bases empíricas*. Neste sentido, Gintner não foi feliz na sua classificação porque sua base empírica se furtou a analisar o mundo micronacional após o surgimento da Internet, o que multiplicou muito a intensidade e amplitude da prática. Estudando dados da literatura e da 'pulp fiction', não atingiu um critério compreensivo para explicar o mundo micronacional *de agora*.

Aqui, fica claro que qualquer classificação também não pode ambicionar ser ahistórica, sincrônica, isto é, uma classificação absoluta que de agora até o fim da eternidade possa distinguir as diferentes manifestações do micronacionalismo. Cada classificação prende-se a seu tempo, tem como objeto um conjunto conhecido de micronações que existem ou existiram. Mas nada impede que, amanhã, um novo paradigma seja bem sucedido e crie novas maneiras de fazer micronacionalismo.

E não estou falando apenas de dialética endógena: uma mudança de pensamento, filosofia ou ideologia elocubrada por nós mesmos, ou um novo movimento cultural; mas também de fatores extrínsecos ao próprio mundo micronacional. A ruptura de paradigma causada pela Internet, em meados da década passada, mostram claramente como um fato exógeno ao micronacionalismo - uma inovação tecnológica - foi capaz de dar novo sentido e compreensão para o fenômeno micronacional.

11.3. CLASSIFICAÇÃO E A TEORIA CIENTÍFICAS. UM POUCO DE FILOSOFIA DA CIÊNCIA.

Nas linhas anteriores, falamos sucintamente de como qualquer classificação presume uma teoria subjacente, em outro ponto, aproximamos o ato de classificar da própria ciência. Classificar para compreender, solidificando conceitos, como cerne da metodologia científica. Façamos uma síntese dessa discussão: teoria com ciência.

Parte da filosofia da ciência, indispensável à micropatriologia, afirma que uma teoria científica é um conjunto de postulados, proposições, enunciados e relações externas, logicamente consistente, o que significa que não há contradição interna. Desta forma, a teoria pode ser projetada sobre a massa empírica, para explicá-la. Quando faço a teoria da gravidade, faço-a para aplicá-la sobre *determinado conjunto de fatos*, no caso, a queda dos corpos, a mecânica celeste e as forças gravitacionais em geral. Quando se trata da teoria da evolução, estamos nos referindo aos fatos referentes a mecanismos de adaptação, reprodução e hereditariedade que os organismos vivos apresentam em relação ao meio que os cerca.

Reparem, contudo, que esse "*determinado conjunto de fatos*" é dado *pela própria teoria*. Está embutido na teoria o tipo de fatos que a mesma será aplicada. Em nada faria sentido eu aplicar a teoria da evolução para explicar a queda dos corpos e nem a teoria da gravitação para explicar as semelhanças e adaptações progressivas das espécies ao meio ambiente. Do que a filosofia da ciência moderna conclui que a *teoria constitui e é constituída pelos "fatos"*, os fatos estão, por si sós, "*carregados*" de teoria, a forma como o observador projeta seu entendimento sobre os dados brutos, em verdade, criam os próprios fatos, de natureza subjetivo-objetiva. Então, os fatos estão implícitos na própria teoria, sejam fatos conhecidos, sejam **fatos esperados** que se quer prever.

O assunto é por demasiado específico de maneira que não vou me estender. Mas aqui quero mostrar como *não existe uma classificação neutra*. A particular atitude do classificador dá a forma que é a própria classificação; a teoria que ele se utiliza como critério e substrato são os recipientes onde se constituirão os fatos que a própria teoria quer explicar. Não existe classificação neutra, nem imparcial, por mais que o autor queira ser imparcial e neutro. Mas isto não significa que inexistam explicações boas ou ruins, compreensivas ou confusas, abrangentes ou míopes, mas tão-somente que não há classificações absolutas, por melhores que sejam.

11.4. CLASSIFICAÇÕES E MICROPATRIOLOGIA.

Mais uma vez, retornando ao que foi escrito por alto mais atrás, a micropatriologia, tradicionalmente, serve-se das classificações para estudar o mundo micronacional. Não é por acaso, como vimos ao aproximar classificação e teoria

científica. No senso comum, aliás, está bem claro que falar de modelimo, simulacionismo, derivatismo, virtualismo é falar de micropatriologia. Os "ismos" e suas polêmicas parecem ser a grande atividade dos micropatriólogos (mesmo que na Lusofonia, atualmente, o assunto esteja tão em baixa).

Dentre os micropatriólogos lusófonos, pelo menos Gintner e Pedro Aguiar fizeram suas classificações. Mais recentemente, fiz uma tridimensional através do INPAM, mas não pude desenvolvê-las para um corpo substancial. Cláudio de Castro desenvolveu as classificações aguiarianas, a partir de 1998, dialogando com o autor original e agregando elementos das teorias da época, anglófonas, e de suas próprias percepções (lembrem-se que cada teoria e observações carregam muito do teórico que a elaborou). Esta classificação aguiariana-claudiana, enriquecida no MicroParliament, constituiu, por bom tempo, a principal teoria micropatriológica em nossas bandas, enquanto L. Gintner tem sido ignorado na Lusofonia, com raras exceções.

11.5. A CLASSIFICAÇÃO AGUIARIANA-CLAUDIANA.

Nesta aula, faremos a exposição da classificação quando vocalizada por Cláudio de Castro, na sua Mensagem do Imperador, principal síntese da obra micropatriológica do imperador reunião, disponível em: http://www.reuniao.org/mensagem.htm

Embute a teoria de Pedro Aguiar, a discussão na época com os meios anglófonos e toma como base empírica o rol de micronações que existiam no final da década de 90. De outro lado, a teoria não capta as manifestações do séc. XXI e o critério toma como base um determinado tipo de micronacionalismo. Por mais que seja limitada e bastante míope, fornece elementos importantes para a micropatriologia lusófona.

A teoria subjacente de toda a classificação é uma peculiar definição de micronacionalismo, bem claudiana, que diz: "*Uma micronação é uma simulação política, um hobby que envolve pessoas que gostam de política, história, e relações internacionais; é o 'paísmodelismo'. [...] Funciona da seguinte maneira: algumas pessoas se reúnem e fundam um país, país este que tem todas as características de um Estado Nacional, menos uma: jurisdição sobre seu território. Os outros requisitos, população, governo e cidadania, estão presentes.*"

Quando Cláudio afirma que o "micronacionalismo é um fim em si mesmo", quer dizer, num certo sentido, que o "micronacionalismo tem como fim ser uma simulação política e um hobby" e tão mais bem sucedido será em sua finalidade quanto mais conseguir simular politicamente e ser provado como hobby pelos micronacionalistas. A seguir, ainda enfatizando a questão da simulação, estabelece que o objeto simulado deve ser um "país que tem [quase] todas as características de um Estado Nacional", exceção ao território.

A classificação de Cláudio de Castro ainda assume como pressuposto um elemento radical (no sentido de raiz) da Lusofonia, principalmente na Lusofonia de 1996-2000, que é a distinção entre micro-e-macro, o que chamo de "teoria da dupla-verdade" ou ainda "escapismo", e se resume à primeira afirmação da citação abaixo:

"A micronação é um mundo à parte. É algo quase esquizofrênico. Como toda sociedade - e uma micronação é, sim, uma pequena sociedade, acontecem brigas e conflitos entre cidadãos. Esta enorme semelhança com a "realidade" - embora alguns micropatriólogos crêem não haver distinção entre a micronação e a realidade (a primeira faz parte da última)."

Vejam que o autor, manifestando o ponto de vista dominante da época da Lusofonia, e dialeticamente consubstanciando-o mais ainda, concede ao realismo: "uma micronação é, sim, uma pequena sociedade", o que, aparentemente, não parece contrastar com a declaração de princípio deque a micronação é uma simulação. Enfim, a micronação é uma realidade ou uma simulação de realidade? Aporia.

Eis a classificação decorrente do aparato teórico e sua base empírica:

DERIVATISTAS: que se utilizam somente de elementos reais; seus membros utilizam-se de nomes verdadeiros, a nação localiza-se, geralmente, onde mora seu líder ou fundador, e sua história começa a partir de sua fundação, sem qualquer elemento fictício; como exemplo, Talossa.

MODELISTAS: aquelas que misturam a ficção com a realidade; seus membros podem usar pseudônimos, mas jamais assumir personagens distintos. Sua localização pode ser em qualquer lugar do globo terrestre, mesmo que nem um cidadão sequer seja morador daquela localidade. Podem adotar histórias fictícias até o dia de sua fundação, e a partir daí começa a

ser escrita sua verdadeira história. O exemplo maior desta categoria, muito popular na América Latina, é Reunião. Os modelistas têm plena noção de serem praticantes de um hobby, uma simulação.

PECULIARISTAS: são quase que completamente fictícias; seus membros podem assumir vários personagens, inclusive não-humanos, sua localização pode ser em um outro planeta ou dimensão e sua história é sempre fantástica. Nenhuma micronação é melhor exemplo desta subdivisão do que Llome. Existem graus de peculiarismo: uma nação assim classificada pode ter, por exemplo, localização em Saturno e habitantes não-humanos, mas seus acontecimentos são verdadeiros, e ela é extremamente activa. Por outro lado, pode uma micronação peculiarista localizar-se na Bolívia e seus acontecimentos, mesmo diários, serem fruto da imaginação de seus membros.

VIRTUALISTAS(?): Segundo alguns, haveria também as micronações virtualistas, as quais seriam aquelas que, apesar de terem caracteres de qualquer uma das três categorias retromencionadas, consideram-se "países irreais" ou até "cidades virtuais"; porém cremos ser esta classificação errônea pelo simples fato de não serem micronações, e sim jogos de RPG "on-line", que vêm e vão num piscar de olhos (seriam exemplos as defuntas Web Island e Santa Clara). Nós cremos ser a palavra "virtual" antítese de "micronação", já que uma micronação é formada de pessoas reais, que protagonizam acontecimentos reais. Adicionalmente, cremos que uma organização "virtualista" não tem cidadãos, e sim membros. --- [Virtualista não é elemento comum essencial, para Cláudio e Aguiar e não se encaixa na definição de micronação]

CONCRETISTAS: Aguiar classifica como concretistas, que seriam aquelas (supostas) micronações reconhecidas como soberanas e independentes por uma ou mais macronações, não sendo, porém, membros da O.N.U. Discordamos também, assim como Jean Tisserand e Thomas Leys, desta concepção, acreditando se tratarem de microestados, e não micronações. Exemplos seriam Seborga e Sedang.

PROJETISTA: que seriam projetos de uma nação ideal, onde um sistema de governo e estrutura social são montadas, porém sem a intenção de tornar aquilo que foi criado um micropaís activo. sub-espécie das modelistas. [também fora da definição de micronação, para o autor]

DIFERENÇA DE MICRONAÇÃO E MICROESTADO: A diferença entre microestados e micronações reside no facto de que estas não lutam - ou são incapazes de fazê-lo - pelo seu reconhecimento diplomático por 'macronações', já que não têm argumentos legítimos à luz do Direito Internacional para requisitar jurisdição total sobre um território." - extraído da Mensagem do Imperador.

A crítica da definição apresentada, tão importante para um estudo genealógico do micronacionalismo lusófono, tendo percolado a muitos praticantes, micronações e modos de ser, fica por conta dos alunos, como lição de casa até a próxima aula.

PALESTRA 1

AS DIFERENTES SOCIEDADES MICRONACIONAIS EXISTENTES NA ATUALIDADE

Eu, primeiramente, agredeço pelo convite ofertado pelo Sr. Bruno Cava quanto a proferir esta palestra neste curso de Micronacionalismo Lato Sensu. Antes de dar início a palestra, permitam-me parabenizar a Universidade Comunitária Micronacional (UniCM) pela iniciativa de auxiliar tanto micronacionalistas veteranos quanto novatos, no que tange ao vastíssimo campo de conhecimento do micronacionalismo como um todo.

Agora inicia-se uma palestra que pretende abordar um temário bastante específico: As Diferentes Sociedades Micronacionais Existentes na Atualidade. Aqui não serão comentadas questões sobre micronações tais como Curdos, Palestinos e Tibetanos, nem tampouco os micro-estados (Micronésia, Vaticano, Liechtenstein, Nauru, etc.) reconhecidos por uma gama considerável dos estados-membros da ONU. A proposta em tela é analisar tão somente o conjunto de micronações que possuem um contingente populacional inferior a 5.000 habitantes. Nova Roma, por exemplo, trata-se de uma micronação que já possui quase 3.000 cidadãos.

Pois bem, o tema supracitado dividir-se-á em 3 (três) categorias, quais sejam:

1) Sociedade Micronacional Simulatória (SMS1);
2) Sociedade Micronacional Secessionista (SMS2), e
3) Sociedade Micronacional Reconstitutiva (SMR).

Entretanto, cabe aqui enfatizar que não existe intenção de impor algum tipo de classificação das sociedades micronacionais, mas sim, o intuito de facilitar a identificação de certas micronações e/ou grupo destas, inseridas em suas respectivas comunidades.

A primeira sociedade micronacional que será comentada é a simulatória. As micronações que compõem a SMS1, presumivelmente, são aquelas que representam a maior porção das entidades micronacionais dentre todas as três classes destacadas.

1) Há dois estilos de SMS1 e uma delas é a simulatória pró-realismo. A SMS1 pró-realismo, usualmente, procura fazer pouco uso das chamadas "práticas virtualistas" (tais como disponibilização de mapas de territórios imaginários e reais, confecção de selos, cédulas e moedas fictícias, dentre outras coisas do gênero), fazendo com que os esforços empreendidos pelos micronacionalistas desta entidade micronacional sejam voltados ao desenvolvimento de propostas enfocando mais o real do que o virtual, dando preferência por fotos em lugar de imagens criadas em computador, optando por não reivindicar nenhuma possessão territorial, objetivando evidenciar que declarar a ausência de território (aterritorialidade) é realista, distingüindo-se da postura pró-virtualista que abarca a reivindicação territorial, ainda que inserida no contexto da simulação, porém, não dispondo de uma possessão territorial 'de facto'. Ademais, as micronações simulatórias pró-realismo tem seu conceito lastreado na noção de Nação, isto é, dispensando a noção de Estado que tem como elementos básicos: povo, regime governamental e território. Segue abaixo algumas micronações que aproximam-se com os ideais desta classe micronacional:

- Augustínia, NSK, Jefersônia e Pasárgada.

O "outro lado da moeda" reporta-se a Sociedade Micronacional Simulatória pró-virtualismo. Esta, por sua vez, utiliza, em larga escala, os recursos da informática para produzir através da computação gráfica, bandeiras, mapas, sistemas bancários fictícios (e sem a intenção de atuar em negociações verdadeiras), museus, zoológicos, estações de rádio e até mesmo estações espaciais virtuais. As micronações simulatórias pró-virtualismo comumente possuem população, assim como as micronações pró-realismo mas, em contrapartida, as entidades micronacionais pró-virtualismo declaram dispor de algum território, quer seja imaginário, quer seja real. Esta reivinidação faz parte igualmente da simulação e almeja, segundo os praticantes da modalidade da SMS1 pró-virtualismo, um meio de aprimorar ainda mais a prática da simulação de soberania. A despeito do uso constante do virtualismo, assim como ocorre profundo comprometimento nas atividades entre as entidades micronacionais que compõem a SMS1 pró-realismo, os pró-virtualismo também demonstram grande

engajamento quanto a prática do passatempo. Abaixo consta alguns exemplos de grupos e micronações que estão mais próximas da definição da SMS1 pró-virtualismo:

- Grupos: Associação Neerlandesa de Geoficção e ImagiNations.

- Micronações: Andorra Imperial, Babkha, Normandia e Sofia.

2) A SMS2 (Sociedade Micronacional Secessionista) é caracterizada pela existência de entidades micronacionais que anseiam por soberania 'de facto'. Estas micronações geralmente têm aversão para com as micronações do grupo da SMS1. De um modo geral, a SMS2 é constituída de micronações que possuem, usualmente, uma tradição histórica bem mais longa que as micronações de outras sociedades micronacionais, sendo que os motivos que acarretam no desejo pelo secessionismo variam em função de rivalidade étnica e/ou política, questões religiosas e até mesmo por conta de barreiras lingüísticas. Mesmo existindo um certo "manto de seriedade" por trás da SMS2, esta provavelmente é a categoria mais "polêmica" visto que existem casos comprovados de esquemas de fraude, como a emissão de passaporte não reconhecido com base nos preceitos do DIP (Direito Internacional Público), ou ainda, a suposta existência de "papel moeda dito real" ofertando-se assim serviços bancários ilícitos. E, por justamente a ilegalidade rondar muitas destas micronações, a cautela para exemplificar apenas aquelas que, aparentemente até o momento, não ambicionam nada além do reconhecimento do status de soberania real e comumente sem qualquer vínculo com as sociedades micronacionais simulatória e reconstitutiva, torna-se uma tarefa complicada, embora não necessariamente impraticável.

Exemplos de micronações da SMS2:

- Atlantium (inclusive trata-se de uma SMS2 atípica, pois declara-se como sendo aterritorial, conforme sucede com Pacífica), Nova Roma e TorHavn (embora ainda sem um território oficial, declaradamente afirma ter planos para adquirir um)

3) Por fim, a terceira categoria, relativa a Sociedade Micronacional Reconstitutiva (SMR): Ela difere das demais comentadas em função da inexistência do ideal secessionista, bem como a simulação não é o alvo prioritário dessas micronações, já que a prerrogativa das mesmas é buscar restaurar, na prática, determinado tipo de comportamento, reencenando eventos de época, conforme a necessidade.

Os exemplos clássicos de SMR encontram-se na Sociedade do Anacronismo Criativo (SAC) - www.sca.org - e no Império da Cavalaria e do Aço - ICA - (www.ecs-imperial.org). Todas as micronações da SAC e do ICA - sem haver mesmo exceção - utilizam o regime de governo monárquico. O propósito deste tipo de micronação é recriar um ambiente que seja o mais próximo possível parecido com o período histórico da Idade Média, de maneira que os praticantes desta modalidade micronacional, preferem reconstituir episódios do passado, fazendo uso de indumentária típica (camal, cervilheira, gambison, elmo, broquel, etc.), alimentação e celebração de ocasiões relacionadas com a época da História Européia compreendida até meados do século XVII. Para tanto, tais encenações são feitas por intermédio de grupos de pesquisas que, diga-se de passagem, estão presentes nas mais variadas micromonarquias que participam da SAC e/ou do ICA. Alguns exemplos de micronações que seguem o modelo da Sociedade Micronacional Reconstitutiva são:

- Ansteorra, Lochac, Meridies e Trimaris. Na atualidade, ao todo há 18 micronações na SAC com tal peculiaridade.

- Ostgard e Vega. No momento presente, existem 15 micronações no ICA, sendo que algumas nem sequer possuem web sites.

Bem, vou encerrando a palestra por aqui. Desde já espero ter contribuído de algum modo para com a Universidade Comunitária Micronacional. Havendo concordância ou discordância com o que fora apresentado agora a pouco, torço para que na média geral a palestra tenha sido realmente proveitosa para esta primeira turma da UniCM, neste inovador curso de Micronacionalismo (lato sensu).

PALESTRA 2

APOLLO SECTOR LECTURE

SCOTT SISKIND

Hello, and thank you for welcoming me here. I'm Scott Siskind of Shireroth, and it's an honor to be able to address such a well-organized and well-informed class. I apologize for my lack of fluency in Portuguese - if there's anything I say in English that you don't understand, just tell me and I'll try to rephrase it.

I've been asked to talk to you about the Apollo Sector. A lot of different people use that term in a lot of different ways. Since I don't know what your other speakers will be covering and would hate to intrude on their territory, I will go for the strictest possible definition, and discuss only the Apollo Sector until the end of the UAS, with some added commentary on possible significance today (which I'm afraid I'll have to limit to the Anglophone world, since I know absolutely nothing about Lusophone micronationalism).

Bruno tells me that you've already read a lot of information about this and other topics, so I'm going to try and do only a *very* brief summary of the actual history involved and concentrate on my commentary, which is the only thing I can provide that a good book on the subject couldn't.

The Apollo Sector was a group of closely linked micronations founded by people from the Apolyton Civilization Site forum. The first of them, Apolyton, started up in August 1999, and was soon forced to change its name for copyright reasons. The country became Audentior and the sector become Apollo, as the word closest to Apolyton that no one could object to.

Audentior was originally a parliamentary republic, albeit not a very good one. A political party led by John Sager, Automatic For The People (AFTP), eventually got fed up with the leadership and led a revolt, leading to a cold war between Audentior and AFTP that lasted through early 2000. It was during this period of high activity that a few other nations sprang up - the Flying Islands of Jasonia, a split-off group from the AFTP, the Republic of Blackrock, a group of Irish people who showed up and associated themselves with us, the and United Demesos, which had been founded a bit before but began to pick up citizens and importance around this time. Eventually, militaristic pressures led to Audentior declaring itself an Empire under Emperor Evan von Christoph; this lasted all of a week before it burnt itself out and Audentior fractured. This only led to the Sector becoming more diverse, though - a few ex-Audentes, including myself, founded Hyperborea, and a few Jasonians founded Shireroth. All of these countries joined together in a loose group called the Apollo Confederacy to discuss issues and ensure peace throughout the region. This eventually ended in four of them - Tapfer (the United Demesos, renamed), Hyperborea, Shireroth, and Jasonia - deciding to put aside their differences and merge into a new Audentior, which they did. This one lasted two months before it was torn apart by internal conflicts. There was a brief struggle for supremacy, after which Jasonia came out on top, and enjoyed a few months of "Golden Age" - a flowering of culture. This period was also marked by a few small wars started by annoying terrorists - these ended with the Sector developing a united policy to prevent such things, and this unity eventually led to a sort of second merger, between Jasonia and a successor of AFTP with a Polynesian theme called Hauóli Éna. Once again, this merge lasted about two months before internal conflict tore it apart. There was another brief struggle for supremacy, which was won by a revived Shireroth, although Jasonia remained in existence for a while. Shireroth managed to absorb most of the Apollo Sector and hold onto it through the Tymarian age, and is probably the closest representative of it to last into the present.

This is all a *very* brief summary. For a much more complete history, I recommend http://www.geocities.com/giantsquid1_1999/temp/ApolloHistory.doc (you will have to copy and paste the link into your browser; Geocities doesn't allow direct link-clicking).

What do I consider the significance of the Apollo Sector many years after the difference between it and the rest of the micronational community dissolved? I believe it helped establish a new sort of paradigm not seen before, at least in the Anglophone community. The Apollo Sector was a group of different nations that were so closely linked as to function as one community. In some cases, these links were through double citizenship - in happier cases, they were through nations that had strong alliances and ties with one another and a deep understanding of one another's workings. While foreign affairs has existed in micronationalism for a very long time, this sort of shared history is, as far as I know, something that the Apollo Sector certainly shared in the development of. It is my thesis, although I think many people would disagree

with it, that the Apollo Sector was, along with a few other places like Thomas Leys' micronation site, the first nucleus around which the current Anglophone sector arose. The interlinked group that originally included only the Apollo countries was joined by other countries, such as Babkha and Attera through their foreign relations with the Apollonians, until eventually we developed the sector known today as Micras, where at least ten or twenty English-speaking nations are all more or less aware of each other's existence and able to interact by discussing matters, forming alliances, and helping each other out.

Aside from helping out the cohesion process by simply existing, the Apollo Sector had a number of innovations and institutions that sped it up. The first of these was the Micronational Cartography Society, founded by Shireroth and Hyperborea in the days just after the collapse of the Union of Apollo States. The Society is an attempt to form a map on which all countries can be represented in relation to one another, and has been very successful. The map's very existence makes countries more aware of their "neighbors" and encourages certain types of interaction like recwars and storytelling. In case you haven't already seen them, they can be found at http://www.geocities.com/microcartography/. The second such institution was the Apollo Fireball, which I'm proud to say I was a part of. As one of the only micronational newspapers that published on a consistent basis, people interested in keeping up to date on micronations were eventually attracted to it, it started to cover other countries outside the Apollo Sector and thus to "expand the limits of the known world", and bring more micronations in close contact with one another. The end result of a lot of this closeness was Tymaria, in which non-Apollonian countries like the Rasinate and Interland joined a tradition established in the very early days of the Apollo Sector and participated in a major merger. Although this eventually failed, it was responsible for causing even more unity among Anglophones, as everyone noticed a place as big as Tymaria and ended up interacting with it in some way, whether as participant, enemy, or interested bystander.

What really sealed the existence of Micras as a "sector" and a focal point for the community was http://www.micronations.net, the brainchild of Apollo Sector latecomer Iain de Vembria of Treesia. The MNN forum there provides a central space for people from all over to talk, and a number of institutions now hosted there like the MCS, the Apollo Foundation - a group that works on preserving history - the FNORD awards that reward excellence among micronationalists, and many other things draw people in.

The Apollo Sector is gone, but its legacy, in the form of the Micras Sector to which Shireroth, Babkha, Attera, and other well-known and interesting countries belong, survives. In the future, I foresee the Micras group "capturing" a higher percentage of Anglophone micronations in its orbit, as countries gradually come to see the advantage of having a strong and active community to work within. It would be great if someday we could have most if not all of the world's micronations actively in contact with one another and working together on matters that concern all of them. I can't really say what the future holds, although the Scheheradze Convention assures that we can look forward to continued peace, and MNN assures we can look forward to being informed in ever more interesting ways. I think the trend is toward more unity, in spirit if not in the form of mergers, and I think that's a good thing.

I hope this has been the sort of lecture you were looking for, and if not, then I'd be happy to expand on anything I didn't mention, although the book I linked to should talk about it in more detail than you could possibly want. While I'm thinking of it, is there any book describing a short history of the Lusophone sector in English? I just realized how little of your history I and other Anglophones really know, and it would be great if there were a way to change that.

Thank you for listening,

Scott

POSFÁCIO

Quem foi até o fim da transcrição das onze aulas oferecidas junto à primeira turma do curso "*Micronacionalismo Lato Sensu*", ministrado na Universidade da Comunidade Micronacional (UniCM), deve estar se perguntando porque o curso foi interrompido assim tão abruptamente, sem emenda nem conclusão. Realmente, foi um projeto inacabado. Mea culpa. Um ensinamento que você logo aprende na prática micronacional é não fazer promessas difíceis de cumprir. Jamais anteveja horizontes muito distantes e idéias de execução por demasiado trabalhosa.

No entanto, acredito que o mini-curso cumpriu relevantemente os seus objetivos. Se não obteve êxito em apresentar um panorama de *todo* o mundo micronacional, pelo menos o expôs no *sentido amplo*, escapando do bairrismo e da visão míope que tradicionalmente marcam o pensamento micropatriológico. Foram onze aulas em linguagem informal – quase em *oralidade* – percorrendo campos pouco explorados da história, da "geografia", da antropologia e da filosofia micronacionais. Digamos que o curso fez o papel do *coelho branco*.

Seguindo-o, o micronacionalista aventurou-se por paragens ao mesmo tempo estranhas e maravilhosas dessa caleidoscópica aventura humana que é o movimento micronacional. Mostrou o outro lado do espelho, além da Lusofonia, que no geral reflete e especula somente sobre si própria. Transformadas em livro, as teses historiográficas e filosóficas nele contidas afirmam novos caminhos, novos pontos de vista sobre certos dogmas e verdades constituídas.

Dois anos depois das aulas, é claro que nutro críticas sobre o trabalho. E é óbvio que algumas interpretações mudei sensivelmente, outras ampliei com segurança e ainda outras as descartei na totalidade. Não me vinculo fortemente ao que escrevo e assumo a liberdade de mudar de opinião. Embora pense que não deve ser "*atualizado*", mas apresentado como de fato aconteceu, salvo uma ou outra correção de português. Afinal, cada livro tem o seu contexto.

Em especial, estou consciente de ter privilegiado setores do micronacionalismo, em detrimento de outros. Há, com efeito, uma concentração em grupos lingüísticos com os quais tive contato mais estreito, tais como o Setor Apolo ou o Cinturão Corvínio, e muito pouca nas demais fonias. De outro lado, nota-se nas primeiras aulas um certo ranço de objetividade, de busca por fatos puros, ainda que ao longo das exposições eles vão desvanecendo-se, conforme eu ia tomando contato com as múltiplas interpretações e versões (vocês vão perceber a virada na aula sobre as classificações). Talvez seja importante citar que nessa época estava começando a ser impactado pelas leituras de filosofia da ciência (especialmente Popper, Lakatos e Kuhn) e por uma releitura tardia de "*Convite à Filosofia"*, de Marilena Chauí.

Enfim, o que motivou principalmente o curso foi a insatisfação de testemunhar uma Lusofonia completamente fechada sobre si, aprisionada em sua *casca de noz*. Os míopes lusófonos cometem três imposturas graves, ao se julgarem: *1)* o centro do universo micronacional, *2)* a origem do micronacionalismo e *3)* o cume da história "*progressiva*" do movimento. Ou ainda uma quarta: arvorando-se como a atitude natural, a propriamente micronacional de fazer micronacionalismo. Por isso batizei as conferências como *lato sensu*... em oposição a *stricto sensu*, que dominava.

Deixo os agradecimentos especiais ao meu amigo peruano-pasárgado Mauricio Villacrez, que muito me ajudou nas discussões de preparação de cada aula, à Marisa Kazama, que organizou tudo, bem como a Scott Suskind e a Igor MacCord, que ministraram palestras de complementação, transcritas nos anexos a este. Agradeço ainda, pelo tributo intelectual que com esta publicação presta, ao Carlos Goldstein, que consegue mesclar a afiada inteligência à extensiva erudição, em uma personalidade sempre aprazível. Mais uma grata supresa do mundico.

Bruno Cava
Rio de Janeiro, 11 de Novembro de 2006